

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 155



Aventuras extraordinarias  
d'um policia secreta

Em busca d'uma herança



EDITOR e PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA e SOUSA  
COMPR. e IMP. NA EMP. LUSITANA EDITORA —  
C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO  
**60**  
REIS

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO  
DA NOVELLA POPULAR  
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Um romance completo por

# OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS

—CADA VOLUME CONTEM—

— 14:00 LINHAS —

DE LEITURA EMPOLGANTE

Volumes publicados:

- O homem das multidões, de Pierre Zaccane.
- O casamento d'um forçado, de A. Bouvier.
- A aposta maldita, por Jules de Gasturye.
- Os Facas d'Outro, por Paulo Foga.
- As filhas do povo, por Alaco Buisser.
- O filho dos boers, por Rider Hagart.
- Dúvida fatal, por Marcella Prévost.
- O segredo d' um desenhado, por J. Gastyna.
- F. 'sto, por Raoul Verriest.

Estes romances, seleccionados com esmerada attenção, compoirão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

# 200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

REIS um bom romance completo

## Colleção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensações novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsénio Lupin, galão da alta roda, por Maurice Leblanc (182).
2. O Homem Misterioso, Guy de Taramont.
3. O tannio de gelo, Pierre Giffard.
4. Arsénio Lupin contra Herlock Sholm, Maurice Leblanc.
5. Um grão na treva, Goldsmith.
6. O Prisioneiro de Marte, G. L. Rowe.
7. O Club dos Ladros, Henry A. Hering.
8. A Agulha de ouro, Novas aventuras de Arsénio Lupin, M. Leblanc.
9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi.
10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard.
11. O Canhão do ozono, Paul d'Ivoi.
12. Quel dos tres grandes romances policiaes, A. G. Coquer.
13. A Guerra dos vapores, G. Le Rouge.
14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton.
15. As tres gatinhas, sensacional romance de aventuras, Paul d'Ivoi.
16. Kown, o mysterioso, Ch. Boley.
17. 918, (Novas aventuras de Arsénio Lupin) por G. M. Leblanc.
18. Em Fugas, por Henry de Regnier.
19. O Palácio submarino, de M. M. Pennington.
20. Um crime tenacissimo, por A. G. Coquer.
21. A sombra mysteriosa, por Ferget Humé.
22. O Senho, por E. Zola.
23. Os dez olhos d'outro, por P. d'Ivoi.
24. Um galvão de caçaca, por E. W. Hornung.

350rs. CCC grossa net, nr. 8º, de 300 CCC RS. 350

# A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

É mais notavel e sensacional das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa e composta em magnifico typo

É um trabalho vasado em moldes intrinsecamente novos que formará a mais completa, e mais curiosa, e mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até a actualidade

Volumes publicados:

- |   |                               |
|---|-------------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso                   | 11 Tadd Acer                  |
| 2 Roma na Lusitania                       | 12 a rainha D. Mécia          |
| 3 Os barbaros do Norte                    | 13 D. Robinson                |
| 4 A Invasão dos Arabes                    | 14 O zel trovador             |
| 5 Fundação de Portugal                    | 15 Rainha Santa Isabel        |
| 6 O cerco de Guimarães                    | 16 A Batalha do Salado        |
| 7 Egos Moniz                              | 17 Inez de Castro             |
| 8 Conquista de Lisboa                     | 18 Vinçozes de Re.            |
| 9 Giraldio Sempavor                       | 19 A Rainha Adelaide          |
| 10 D. Fuas Rostinho (Milagre de Nazareth) | 20 Maria Telles Mestre d'Aviz |

A seguir:

- |                             |                                   |
|-----------------------------|-----------------------------------|
| 21 Padaria d'Aljubarrota    | Inlaterra                         |
| 22 O Barbalho               | 25 Os Trisporos (Tomada de Ceuta) |
| 23 O Magrico em es. Dore de |                                   |

EMILIO GANTE

# HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até a actualidade

Ficham-se publicados os quatro volumes

- |  |     |
|--|-----|
| I Obscuidades primitivas — A Prostituição na Attica Grecia ..... | 300 |
| Impudelicias de Roma Primitiva — Derasidido dos Romanos .....    | 300 |
| III Desmoralização Franca — Tempos modernos .....                | 300 |
| IV (e ultimo volume) Tempos modernos .....                       | 300 |

Numero 155

Lisboa, 6 de Junho de 1912

IV Anno

# Em busca d'uma herança

CAPITULO I

## Crime inexplicavel

—Quer acredites quer não, meu rapaz, previno-te que ainda hoje se darão commoço algumas peripicias cuja natureza não conheço ainda. Raras vezes me engano nos meus calculos.

Assim fallava o grande e genial criminalista Sherlock Holmes ao seu discipulo predileto, entretido a folhear machinalmente um jornal, que por de lado, por causa da excitação nervosa em que se encontrava.

—Tinha eu, outra razão, mestre, observou Harry, esboçando um leve sorriso, ao ver o nervosismo que se apoderara repentinamente de seu mestre.

— Já descançamos bastante. B-m seria que houvesse agora um caso trabalho, difficil, envolto no mysterio mais insondavel, nas trevas mais impenetravel. Ultimamente nada de importancia tem apparecido...

Mal scabara de pronunciar estas palavras, o telefone do gabinete de trabalho do policia começou a tocar desesperadamente.

Sherlock Holmes correu para o apparelho.

Estabeleceu-se um curto silencio.

—Obrigado! exclamou o genial policia, descançando e auscultando.

Depois proseguiu dirigindo-se ao discipulo:

—É muito engraçado! Realizam-se completamente as minhas prophecias!

«Vamos sair immediatamente, Harry. Commettuse, ha pouco, ao norte de Londres, fora de Highbury uma tentativa de assassinio em circumstancias verdadeiramente extraordinarias. O caso é certamente complicado, porque, se o não fosse, os senhores de Scotland Yard não viriam pedir-me, para eu iniciar as investigações.

Urgo que nos dirijamos o mais breve possivel ao ponto designado para avitar que o mysterio se quelesse mais. Sabemos por experiencia, propria, que são os excessos de zelo dos nossos collegas no desempenho dos seus deveres, despresando tantas vezes as mais elementares regras. Este erro commettiem-no tanto os superiores como os inferiores.

FD  
823-71  
D598-89  
P47  
K6  
no. 155

— E' justamente por isso que nunca levei a hom termo o caso mais insignificantel respondeu Sherlock Holmes despidendo rapidamente o seu fato de trazer por casa, e envergando outro do mais impecavel corte.

Verificou se nos bolsos levava todos os utensilios, como revolver, box, gazetas, laços, diversos frasquinhos e bugigangas de que poderia precisar.

Harry tambem não perdia o seu tempo. Sem esperar ordem do mestre correu pela escaada abaixo para chamar o primeiro carro que encontrasse.

Minutos depois os dois policias estavam a caminho da casa de Fred Morgan, proprietario de uma importante fabrica de camizas em Highbury, onde, uma hora antes se dera uma tentativa de assassinio.

Seguiam entre o Parque do Regente e o importante bairro industrial.

Tudo ali indicava trabalho e indigencia. As casas eram pequenas e baixas. So o grande edificio occupado pelo dono da fabrica, tinha um aspecto imponente e magestoso, o que indicava a riqueza do seu possuidor. Mas não era esta circumstancia o que mais atraia a attenção dos transeuntes.

Por detraz do palacio e em forma de Chalet, erguia-se uma importante fabrica, cujas altas chaminés pareciam tocar as nuvens.

Este colosso de grandessa, que se destacava como uma columna gigantesca d'aquella floresta de casas de Highbury, era a maior riqueza do bairro. Estava ainda em obras. Os altos andames, e a solidéz da construcção provavam a habilidade dos operarios, que n'esse dia realisavam a sua festa da collocação da ultima pedra, que devia ser posta pelo habil architecto da obra. As enormes chaminés espalhavam pela enorme area os seus vapores delecterios, o que impedia que prejudicassem a saúde dos habitantes das proximidades do grande estabelecimento industrial.

A magnifica obra, que tinha levado mais de um anno a construir, merecia realmente a admiracão do publico, e dava muito valor aquella regio.

Sherlock Holmes e Harry ao chegarem ao palacete do industrial Morgan, receberam os cumprimentos do inspector Gordon, chefe da policia criminal de Londres, que se fizera acompanhar de alguns agentes.

— D'esta vez, sr. Holmes, disse Gordon dirigindo-se ao celebre criminalista, que tinha sorriso sarcastico, temos aqui um caso que lhe hade dar agua pela barba. Tanto su como o sr. Reinaldo Watson, cuja intelligencia e perspicacia terá oocasio de apreciar, somos de opinio, que nos encontramos em face de um enigma indecifrável. E' surprehendente a maneira como o facinora tentou assassinar miss Ellen, a esposa de Morgan, e roubar o cofre do industrial, assim como os meios que empregou para se evadir do local do crime. Deve ser um perverso bandido, um

grande criminoso. Como ponde elle conseguir introduzir se no lugar do crime? Tudo isto está envolvido no maior mysterio!

Holmes ouvia com a maior attenção, e por fim disse.

— O senhor está excitando fortemente a minha curiosidade. Como vê, assim que rezebi a sua communicação, dirigi-me logo com o meu ajudante ao local do crime.

«A senhora Morgan foi mortalmente ferida?»  
— Felizmente, não. O punhal que li direito ao coração, foi desviado por uma vareta do espartilho. Todavia os medicos que a tratam ainda a não consideram livre de perigo.

— No momento do crime não se encontrava ninguém em qualquer aposento contiguo?

— Havia respondido o inspector Gordon. N'um aposento ao lado d'aquelle em que o criminoso feriu a esposa do proprietario da fabrica, achavam-se este e seu filho Roberto, que é o architecto que tem dirigido os trabalhos d'esta magnifica fabrica. Logo que ouviram tiros de revolver e os gritos lancinantes da pobre senhora, arrombaram a porta, mas o assassino evadira-se. E todavia ha só um caminho por onde se pode entrar no quarto da victimas; é justamente pelo quarto onde estavam Morgan e o filho!

E' um verdadeiro mysterio a maneira como o criminoso appareceu do quarto em que praticou o crime, tendo de passar forçosamente por aquelle em que estava o industrial e o filho. Só admitindo que elle se transformasse n'uma nuvem de fumo que desaparecesse por uma das janellas.

Sherlock Holmes sorriu.  
— Não acredito em espiritismos e artes magicas, e por isso, alguma explicação material hade ter essa estranha fuga.

Depois todos se dirigiram para o pequeno jardim da casa, que atravessaram.

O aposento em que se dera o crime estava fóra do pateo. Era um quarto com duas janellas graduadas. Esta precaução era para frustrar qualquer tentativa de furto durante a noite, pois que o quarto de dormir dos dois esposos ficava muito proximo de um outro, onde o industrial costumava guardar em um pequeno cofre o dinheiro para as despesas domesticas.

Como estas eram importantes, a quantia, que de ordinario se achava no cofre, era bastante avultada.

O unico meio, pois, de penetrar no quarto de dormir de Morgan, era atravessar o aposento contiguo, onde este trabalhava durante o tempo que estava em casa.

N'esse dia, pelas sete horas da tarde, o industrial reunira os filhos no seu gabinete para confrontarem

com os livros da escripturação as despesas exigidas pelas obras.

Quando realisaram o apuramento das contas, affim de ultimar a construcção que estava quasi no seu termo, a senhora Morgan preparava-se para recolher á cama, muito cedo, como costumava.

Tinha gosado até então boa saúde, já não era joven, pois orçaria pelos quarenta annos.

Mas ultimamente sentira-se bastante indisposta.

O marido que regressava n'aquelle dia após uma curta ausencia motivada por negocios, veio encontrar a doente, o que attribuiu a um resfriamento.

A mudança rapida de temperatura e a transição do sitio para o outorno era um motivo plausivel para aquella alteraçáo de saúde. Mas a febre, atingendo um grau elevado, fazia receber enfermidade mais grave, a qual senhora entrou no quarto e deu volta á chave, como costumava sempre fazer.

Calculou que o marido e o filho teriam ido para o restaurante e regressariam mais tarde.

Fechou muito bem a porta pelo lado de dentro, e minutos depois seu e filho ouviram fortes detonacões e logo a seguir desesperados gritos de socorro.

— Não posso esquecer o terror que de mim se apoderou ao ouvir os tiros e os gritos de minha mãe, disse o joven Roberto Morgan, que os dois policias encontraram á entrada do aposento, e se puzera immediatamente á sua disposicão.

«Como ve, arrombámos a porta que estava fortemente fechada, para acudir a minha mãe em perigo. Um enorme terror se apoderou de nós quando descobrimos com a desventurada estendida no chão e banhada pelo proprio sangue.

O mancho apontou, com os olhos vermelhos das lagrimas, para o tapete onde se via uma enorme mancha de sangue, muito proximo da porta.

O celebre criminalista ao transpôr o limiar da porta, observou cuidadosamente o luxuoso aposento. Depois parou por um pouco junto da mancha de sangue. Voltou-se para o commissario da policia junto do qual estavam Reinaldo Watson, primeiro agente de Scotland Yard e o industrial que vlaham participar que a ferida havia despedido, e era provavel que pudesse ser submettida a um curto interrogatorio.

— O senhor não affirmou ha pouco, d'isse, Holmes que a senhora Morgan tinha sido ferida com um punhal em pleno peito pelo mysterioso assassino? e que o ataque não comecou por tiros de revolver?

— Permite-me, senhor Gordon, atalhou Fred Morgan, voltando-se para o inspector, que esclareça o sr. Holmes?

— Da melhor vontade, e acho mesmo de toda a conveniencia que o sr. Holmes conheça o mais inai-

gnificante pormenor, responderon Gordon, com um sorriso ironico.

— Presumo que minha mulher disparou o revolver, continou o industrial.

— E d'onde vem essa sua presumpção?

— No facto de minha mulher ter os dedos fortemente contrahidos n'essa arma.

— E no corpo de sua esposa não havia vestigio de balas?

— Não, sr. Holmes.

— O sangue que se vê no tapete, provém da ferida no peito?

— Não, devia provir da queda, que deu, quando foi atacada.

— O sr. Morgan pretende sustentar que o bandido não fez uso do revolver, commentou Holmes olhando em redor.

— Naturalmente, quando saiu pela alcova, minha mulher disparou. Os sinais que as balas deixaram na parede proxima da entrada da alcova assim o fazem suppr.

— E o patife talvez não ficasse incolume, exclamou Harry, que, emquanto o mestre fallava, li examinando as cortinas collocadas na porta da alcova.

Todos se olharam surprehendidos.

Harry proseguiu:

— As manchas que se notam nas cortinas, são uma prova evidente.

— Como, meu rapaz, podes affirmar isso, havendo tão poucas gottas de sangue? disse o genial criminalista depois de ter examinado as cortinas.

«Não Harry, parece-me que o criminoso não quereria manchar as mãos no seu proprio sangue, mas sim as da senhora Morgan.

«Vem-se aqui vestigios nitidos da passagem de dedos de mãos grandes.

«Infelizmente, estas manchas de sangue estão completamente secas: Como o attentado se deu ha pouco tempo, as manchas deviam estar ainda humidas.

O grande policia voltou ao ponto onde se presume ter caído a senhora Morgan. Olhos attentamente para o tapete, e abanou a cabeça com ar meditativo.

— Extraordinario! murmurava, que os sinais das botas são significativos ao sitio, onde affirmam ter caído a victimas. O criminoso tomou directamente o caminho da alcova para a porta e descreveu uma curva até chegar junto da senhora Morgan.

— E' essa tambem a nossa opinio, gritou Gordon um tanto excitado. E foi por isso mesmo que eu lhe disse, sr. Holmes, que o patife se tinha evaporado como o fumo. Como poderia elle fugir pelas portas?

Quando o sr. Morgan e seu filho arrombaram a porta não puham deixar de o vêr.

E' portanto, inexplicavel a fuga do criminoso.

Admittindo mesmo que fugisse pela porta, o que era inteiramente impossível, porque estas senhoras appareceram logo ao ouvirem os tiros e os gritos da senhora Morgan, não se encontram vestigios alguma no gabinete!

—Mas é possível que os senhores não investigassem bem, replicou Holmes ao mesmo tempo que passava ao aposento do lado.

Tanto no quarto de dormir como no aposento contiguo havia uma fraca luz de gaz. Com o auxilio da sua lanterna electrica começou Holmes a examinar minuciosamente uma pequena mancha de sangue.

Como o gabinete estava forrado com um oleado, não era facil distinguir os vestigios dos passos do mysterioso facinora. Todavia, todos os presentes, que observavam attentamente os trabalhos de investigações do genial criminalista, viram minutos depois que elle sorria de uma maneira particular.

Sherlock Holmes andava de rastos á entrada do gabinete, abriu a porta, começando as suas pesquisas no corredor mal illuminado. Examinava o sobrado com o maior escriptorio servindo-se da sua lanterna electrica.

Approximou-se lentamente da janella do corredor, cujas portas estavam fechadas. Ergueu-se, e depois de um demorado exame, apontou subitamente para um determinado ponto.

—Vejo aqui tambem dedadas de sangue da mesma mão que deixou as impressões digitais nas cortinas de quarto de dormir, disse triumphantemente para os outros, que o observavam na maior estupefacção.

«Não resta duvida que o criminoso se dirigiu para a janella do corredor e por ella fugiu para o pateo.»

—Mas isso é inacreditavel! observou o industrial na maior excitação.

«Como é possível que elle passasse do gabinete para o corredor para depois saltar pela janella! Quando eu e meu filho corremos em auxilio de minha mulher, estavam no pleno uso das nossas faculdades, nada escapava aos nossos olhares. Teriamos ouvido o criminoso abrir as portas da janella e arrombar as varões!»

Sherlock Holmes encolheu os hombros.

—Pois, apesar de tudo isso, é minha convicção que o patife fugiu pela janella. E o meu collega Reinaldo Watson pode fazer-me esse mesmo affirmativo. Sem absolutamente da sua opinião, sr. Holmes, respondeu rapidamente o funcionario policial, observando a janella, notam-se aqui, em cima, signaes evidentes da passagem de uma mão.

—Abram a janella! Lá em baixo encontramos as pégadas do facinora na arca.

Agrarou-se então aos varões de ferro desaferrilhando as portas, após o que exclamou:

—Era fatal! Este ferrolho que tem resistido a tantos temporas, cedeu d'esta vez aos pontapés do patife.

Assim era realmente. As nuvens negras que se amontavam no firmamento, quando Holmes e Harry se dirigiram da rua Baker para Highbury, tinham-se espalhado completamente. Do céu cêr de chumbo caíram fortes aguaceiros, e o vento sibillava de encontro as fortes paredes e altas chaminés da fabrica.

—Lá se perdeu o exame ao pateo, disse Holmes, contrariado, para o seu ajudante Harry Taxon. E fechoz outra vez a janella.

Depois proseguiu:

—A terra está molhada, e a escuridão ainda torna mais difficil as pesquisas. Se esta noite pudermos fazer alguma coisa, espero que amanhã chegaremos a um resultado satisfatorio. Esperemos pois com paciencia. Agora vamos observar os signaes que se guem do quarto de dormir para o corredor.

Fez um gesto ao agente para que se abaixasse.

Com o auxilio da lampada electrica indicou-lhe um ligeiro signal que deveria ter sido deixado pelo fugitivo, e produziu pela sola das botas. Era uma pista importante.

Reinaldo Watson notou esta circumstancia ao grande criminalista.

Tanto elle como o inspector Gordon, começaram a rastar-jor pelo sobrado do gabinete e do quarto examinando o tapete, assim como o sobrado, mas nada viu de importancia.

Grande foi a sua admiração, quando Holmes lhes mostrou os signaes deixados pelo handido na direcção do cofre, o que esses signaes tambem seguiam até junto do leito.

Holmes continuou:

—O mysterioso handido forneceu-nos indicios sufficientes para podermos affirmar, que, antes de emprender o assalto á alcova e ao cofre, cambinhou de rastos e se occultou debaixo da cama.

«Ah!, muito tranquillamente combinou a maneira de proceder. Mas quando fez saltar o ferrolho da janella, foi surpreendido pela sr.<sup>a</sup> Morgan.»

E, emquanto fallava, Holmes preparava-se para provar o que dizia.

O rosto tinha uma expressão de contentamento. Mas resolveu calar-se, e levantando-se, dirigiu-se ao observatorio.

—O seu gabinete, pelo qual se passa para o quarto de dormir, costuma estar fechado na sua ausencia?

—Depois que eu e minha mulher nos levantamos, os quartos são sempre limpos e arcajados. Até ás seis ou sete horas, em que tenho por costume ir contar o dinheiro e escrever nos livros, ambos os aposentos se encontram sempre fechados!

—E quem guarda as respectivas chaves, o senhor ou sua esposa?

—Certamente, quando eu, por qualquer circumstancia não sou guardo, fica minha mulher com ellas.

D'essa fórma era impossível que um estranho se introduzisse ali de dia, e esperasse o momento oportuno para o ataque?

—Evidentemente, confirmou o industrial.

—E como os quartos são limpos e arrumados pelos creados, de manhã, não seria facil que alguém ali penetrasse, sem darem por isso?

—Não, sr. Holmes, respondeu o industrial. Além d'isso, não podemos suspeitar da fidelidade e da honra dos creados, que são antigos na casa, e em quem depositamos inteira confiança.

—Segundo me informou o nosso inspector Gordon, o senhor esteve alguns dias ausente?

—Sim, senhor Holmes.

—E durante esse tempo sua esposa passou os dias n'esse quarto, revistando-o todas as noites?

—Certamente, respondeu o industrial admirado. Nem mesmo meu filho Roberto entrou no escriptorio durante o tempo que estive ausente.

—O senhor já fallou com sua esposa a respeito d'esta ultima circumstancia?

—Relativamente a esse respeito ainda não.

—Mas não admittie a hypothese de que durante a sua ausencia, e depois que sua esposa saiu do quarto para os creados procederem á limpeza, algum espirito invisivel se introduzisse surretamente ali, com o fim de arrombar o cofre? Admittio-me que nada tivesse descoberto quando abrimos o escriptorio as seis horas da tarde, quando o patife talvez já estivesse desde esta manhã, ou mesmo desde hontem, sem sua esposa dar por isso, tendo galgado até á janella do corredor, e alcançado o seu esconderijo! Inclino-me a admittir a supposição de que o handido, se se encontrasse ás sete horas escondido no quarto de dormir, deveria calcular, que a sr.<sup>a</sup> Morgan, na ignorancia de que alguém estivesse ali escondido, o tomaria por um phantasma e dispararia sobre elle.

«Os vestigios que se veem no corredor e na janella levam-me a esta conclusão. Só assim comprehendo as manchas de sangue nas cortinas da alcova, e o facto de estarem humidas as guttas de sangue das portas da janella; só assim posso tambem explicar a circumstancia de, ao voltar sua esposa ao quarto, e não sabendo que o senhor já tinha regressado, ter fechado a porta depois de entrar.»

«Tambem acho natural o facto d'ella ainda empunhar o revolver depois do attentado. Possuiu-se de tal feror, ficou em tal estado de excitação que quiz prevenir-se com uma arma, para se defender de qualquer aggressão.»

—E' a explicação mais phantastica que até hoje tenho ouvido a um policia amador! disse com um sorriso zombeteiro o inspector Gordon, sendo secundado por todos os outros, á excepção, como era bem natural, de Harry Taxon.

—E como explica o sr. Holmes o facto de minha mulher ser ferida com um punhal?

—O facinora feriu sua esposa no quarto da cama. E não foi esta noite, mas hontem de manhã cedo.

«Provar-lhes hei a verdade do que affirmo, se puder examinar o facto que a sr.<sup>a</sup> Morgan vestia hoje, e proceder a uma minuciosa analyse no tapete.»

O industrial disse ao filho que fôsse ao quarto da enferma buscar os vestidos pedidos. O quarto era situado no andar superior.

Quando Roberto voltou, Sherlock Holmes agarrou immediatamente na blusa.

Não se via n'ella o mais pequeno rasão produzido pela lamina do punhal.

Em todo o caso, a ser verdadeira aquella circumstancia, a blusa devia ter penetrado na blusa. Tinha pois fundamento a opinião do genial policia, e o interrogatorio que se fizesse á victima, viria confirmal-a.

Infelizmente não podia ser submettida a esse interrogatorio. Posto que o medico, que a tratava, esperasse que em pouco tempo recuperaria forças, oppoz-se energeticamente que fôsse fatigada a doente. O seu estado pouco-ra de repente, e era para recelar uma complicação grave, provocando o augmento do seu estado febril.

As deducções de Sherlock Holmes impressionaram vivamente o industrial.

Se fosse verdade o que Holmes pensava, isto é, que antes d'essa noite sua esposa tivesse sido ferida, porque motivo lhe occultaria ella o ataque de que tinha sido victima?

Quem seria esse homem? Conhece-o-hia a sua mulher? Haveria algum motivo imperioso que a obrigasse a guardar silencio?

No espirito do marido uma suspeita horrivel brotou a respeito da esposa, desde o primeiro momento. Por este motivo pedira a comparancia de Sherlock Holmes para que esclarecesse este mysterio.

E que coiza! He irião ser reveladas! Mas, não, era certamente injusto para com a sua estremecida esposa. Repugnava-lhe pensar que elle estaria ligada por qualquer affeição ao criminoso. Seria ella obrigada com ameaças de morte a não denunciar?

O industrial ficaria immensamente grato ao grande criminalista, se elle conseguisse desvendar o mysterio, no caso de o criminoso exorcizar uma influencia poderosa sobre sua mulher.

Quando mais pensava e reflectia, maior vulto to-

mavam as suas suspeitas. E pediu que o maior empenho ao grande polícia que empregasse todos os seus esforços no sentido de descobrir a verdade.

Logo que o inspector saiu com os agentes, pediu-lhe uma conferencia em particular, para saber a orientação que Holmes ia dar ás suas investigações.

## CAPITULO II

### Depoimento importante

Sherlock Holmes e o industrial estavam sentados em um frente do outro no escriptorio d'este ultimo.

Parece-me, sr. Morgan, que as minhas primeiras conjecturas a respeito do enigmatico crime, se me afirmaram agora desituidas de fundamento. Por isso não creio que o criminoso desconhecisse completamente o local, como o procedimento de sua esposa dava a entender, nem que ella estivesse, por qualquer circumstancia relacionada com elle.

—Que conclusão quer tirar d'ahi? interrompeu, fortemente excitado, o industrial.

—Não se altere, retorquiu Holmes apresentando a maior serenidade. Admiro-me que sua esposa nada declarasse a respeito do criminoso, principalmente por ter sido ferida anteriormente á noite de hoje, como o medico poderá v'rrificar.

«Sua esposa morreu se para se precaver contra um attentado imprevisto, e antes que o senhor e seu filho tivessem tempo de a socorrer. Porque procedeu assim? Evidentemente para que o facinora não pudesse realisar o crime e soffresse o merecido castigo. Sendo assim, a sr.<sup>a</sup> Morgan devia ter um certo interesse pelo homem, que talvez já conhecesse anteriormente. Seria um parente remoto, um irmão um primo, um de eiranh complicitades, que não tivesse visto ha

muito tempo, e com quem estear em boas relações.

O industrial encolheu os hombros.  
—As suas supposições, sr. Holmes, não assentam em bases solidas. Os parentes mais proximos de minha mulher já não existem. Os paes e o irmão morreram. Com respeito a parentes remotos, só tem dois primos, que ha annos partiram para a America onde, segundo consta, adquiriram uma fortuna consideravel. Antes mesmo de abandonarem a patria tinham uma regular fortuna pessoal.

—Permitte-me que lhe pergunte o nome d'esses dois primos?

—Lurd Ralph e James Clifford.

—Pertencem naturalmente á familia Clifford, que possuia importantes minas de ferro em Southampton?

—Sim, sr. Holmes. Quando o paes morreu, os filhos venderam tudo, partindo Ralph, que é o mais velho, para o Rio de Janeiro. O mais novo ficou ainda na patria seis mezes, porque servia no exercito e não quera abandonar o posto que tinha.

—Muito bem. Sua esposa nasceu em Southampton?

—Sim, senhor. Pertence á familia Bradenridge.

—De familia que vivia na intimidade dos Clifford?

—Pelo contrario, sr. Holmes. Os antepassados das duas familias, por questões de heranças, eram inimigos ha muitos annos.

—A familia de sua esposa já negociava ao tempo em que ella vivia com seus paes?

—Creio que não, sr. Holmes.  
—Presentemente não tenho ainda opinião formada acerca do auctor do crime, continuo Holmes. Dessejava poder entrevistar um membro da familia Clifford. Certamente o senhor não ignora que o coronel James Clifford abandonou o exercito antes de serem conhecidas as suas torpezas. Elle deve ser bom mais novo que o irmão.

—Assim é, sr. Holmes interrompeu o industrial. Mas vejo que o senhor conhece a vida das melhores familias de Southampton.

—Não admira, porque um dos meus melhores amigos nasceu ahi. James Clifford deve ser um estranho, um apaixonado jogador e não um simples emigrante trabalhando por adquirir honestamente uma solida fortuna. Não creio que a velha estirpe dos Clifford, que sustentou no seu braço o Sol nascente, tenha motivos para se orgulhar d'este rebento da sua arvore genealogica.

—E' bem verdade o que diz, sr. Holmes. Mas, o que é facto, é que não temos dados para conjecturarmos quem seja a pessoa que interessa a nosso caso. Como já lhe disse, os Clifford nunca estiveram em contacto com os Bradenridge.

—Não suspects então de ninguém?

—Não, sr. Holmes.

—Nem de algum dos seus empregados conhecidos ou amigos?

—Não, senhor. Minha mulher tel-o-hia nomeado? Que razões haveria para occultar o seu nome?

—O revolver que sua esposa disparou, pertence-lhe?

—Sem duvida.

—Uma pergunta ainda, sr. Morgan. Mas prevenho-o que não a tome em sentido injurioso. Nós criminalistas, temos que admitir todas as hypotheseas, e n'este mundo tudo é possível. Talvez seu filho...

—O quê? agredir sua mãe? Por amor de Deus, sr. Holmes, essa hypothese é inadmissivel.

E o industrial esgou-se de um impeto, e começou a passear agitado pelo escriptorio.

—Não, não é possível senhor, proseguiu depois, parando em frente de Sherlock Holmes e com voz balbuciante, Roberto é, primeiro que tudo, um fidalgo, e se ha filho que ame sua mãe, é elle um d'esses.

As nossas suspeitas só podem recair sobre um gatinho de profissão, um bandido, que não conseguia roubar nem em consequencia da imprevista appareição de minha mulher, finalmente, d'um assassino que não hesita em commetter um crime para conseguir o seu fim.

—Sinto muito, sr. Morgan que as minhas palavras o ferissem no seu orgulho de paes, mas para esclarecimento d'este mysterioso caso, não devo guardar considerações nem respeitoas. De resto, o sr. Roberto Morgan deixou-me boa impressão; mas eu, por experiencia, que as apparencias illudem muitas vezes.

«Seu filho costuma ter uma vida sosegada, frequentando boas companhias? Não praticaria elle algum esturruico? Contrariaria alguma divida de honras que teria de satisfazer n'um prazo curto?

—Não admitto nenhuma d'essas hypotheseas, declarou o industrial. Roberto é um rapaz de bons principios, zeloso da sua honra, a cujas previosas não faltaria por motivo algum. Além d'isso sabe escolher os seus amigos.

—Não, tem, por consequente, relações com pessoas que o dirijam por malos caminhos?

—Não, que eu saiba. As suas occupações não lhe permitem gastar tempo com outras coisas. A sua complicitade, ao seu excessivo tello e energia se destinam a monumental chaminé, e esta bella construção, bem como a feliz collocação da ultima pedra. Só o seu talento e amor pelo trabalho arcaariam com tão grandes responsabilidades.

—() senhor ou seu filho não estarão mais ou menos relacionados com qualquer personalidade duvidosa, que frequente a sua casa amiguadas vezes?

—Pessoa que pudesse praticar um crime como es-

ta? Não, sr. Holmes, mil vezes não! exclamou o industrial.

Procurando dar outra orientação ás suas investigações, Holmes proseguiu:

—Poco lhe que me autorizo a fazer um pequeno interrogatorio aos seus creados. Em seguida desejo interrogar a creada de quarto de sua esposa, que, talvez, possa dar-nos alguns esclarecimentos.

—Poderei saber a razão porque liga tanta importancia a esse depoimento? perguntou inquisito o industrial.

—Porque, devido a uma descoberta casual, feita por mim no quarto de dormir, sigo uma importante pista, que me faz suppor que o attentado teve lugar hontem á noite ainda antes de sua esposa se dirigir para a cama. Permitta-me que esclareça esta circumstancia, e ainda me restam bastantes obstaculos a remover. Tenho de retirar-me d'aqui a pouco, para tratar de outro assumpto.

—Tem algum posto de partida para proseguir nas suas pesquisas? perguntou muito excitado o industrial.

—E' possível, respondeu Holmes laconicamente. Mas muito me obsequia se satisfizer o meu desejo. O industrial premia um boizo electrico.

Appareceu uma creada nova e bonita. Era a creada de quarto da sr.<sup>a</sup> Morgan.

O genial polícia informou-se logo de que queria saber. Conseguiu arrancar-lhe uma confissão importante com os seus modos amigaveis e sympathicos, ao contrario dos agentes de Scotland Yard, que nada tinham conseguido com com os seus modos bruscos e rudes.

A joven Lucy contou que no dia anterior, pelas seis horas da tarde, um individuo alto, moreno, decentemente vestido e attentioso tinha vindo perguntar pelo sr. Morgan.

Elle acompanhou-o ao vestibulo, notando que o visitante examinava tudo com a maior attenção, o que impressionara mal a rapariga.

Foi dar parte á sr.<sup>a</sup> Morgan, e depois disse ao visitante que o dono da casa estava ausente desde alguns dias, não dizendo para onde fôra mas que brevemente regressaria.

—Onde estava sua ama, mesinha Lucy? perguntou Holmes.

—No primeiro andar e no quarto em que agora está.

—A porta para o quarto onde temos estado, achava-se hontem fechada das seis para as sete horas?

—Não, senhor.

—Tem a certeza?

—Absoluta, pois que, ao contar á senhora o encontro com o homem, ella ordenou-me que fosse im-

meditadamente fechar os quartos do andar inferior, que se esquecera de fechar quando, minutos antes, subira ao primeiro andar.

«Fui cumprir esta ordem, e entreguel-lhe as chaves.»

—Mas não tinham estado anteriormente, nem no gabinete de trabalho, nem no quarto de cama?

—Não, senhor, e supponho que ninguém lá entrou.

—Acompanhou depois sua ama para ajudal-a a despír?

—Não, senhor. Minha ama dispensou bont-em à noite os meus serviços, apesar de se sentir incommodada e querer deitar-se às oito horas.

—Unde estava a menina n'essa occasião?

A joven rubricosa de se repente. Deixou passar alguns segundos antes de responder. Por fim respondeu visivelmente perturbada:

—Eu estava junto da porta...

—Evidentemente á espera d'alguem? perguntou Holmes, sorrindo.

«Vamos responde. Era o seu namorado, não é verdade? Diga-me, menina Lucy, continuou Holmes em tom brando e paternal, elle mandou-a esperar por muito tempo?»

—Elle não veio, apesar de eu o esperar até ás nove horas, respondendo a rapariga de olhos no chão e torcendo a ponta do branco avental.

—A essa hora já devia fazer muito escuro. Não notou nas proximidades nenhum vulto suspeito, que lhe despertasse desconfiança?

—Não senhor, rederaignu ella, vivamente.

—Bem, menina, obrigado pelos seus esclarecimentos.

Quando a credita se retirou, Sherlock Holmes fechou a porta, e dirigindo-se ao industrial, pediu-lhe que o acompanhasse ao pátio, pois queria proseguir ali as suas pesquisas.

A impertinente chuva cessára, e o céu estava limpo, graças a uma forte mortada, e o local era facil de analisar.

Holmes e Harry que tinha acompanhado o mestre, começaram a proceder a um minucioso exame.

Depressa se convenceu, que uma porta larga destinada ás obras, e outra mais pequena, utilizada pelos operarios, conduzia ambas para a via publica, tinham sido abertas com intuitos criminosos.

O bandido mysterioso passara com toda a segurança do palacete para o bairro dos operarios.

Os creados da casa, que esperavam a chegada do industrial essa noite, só tinham fechado as portas pequenas ás dez horas.

Era mesmo presumível que o bandido tivesse trabalhado na fabrica temporariamente, Holmes não en-

controu signaes alguns da janella do corredor até essa porta. Naturalmente, a chuva apagara-os.

Terminadas estas investigações o genial criminalista e o seu discipulo Harry Taxon despediram-se do industrial, a quem affirmaram que brevemente desvendariam o mysterioso acontecimento.

—Desejava, sr. Holmes, se isso o não contraria, que me participasse o mais breve possível resultado das suas futuras investigações antes de as communicar para Scotland Yard.

—Da melhor vontade, respondeu Holmes, commovido pela angustia do industrial. Informal-o hei oportunamente. Mas na altura em que os meus trabalhos se encontram, pôde muito bem succeder que a culpabilidade vá recair sobre sua esposa, ou qualquer outra pessoa que o senhor queira poupar.

—Agradeço-lhe as suas boas palavras, sr. Holmes, apertando affectuosamente as mãos aos dois policas. Deposito toda a minha desconfiança nos senhores, e espero que levarão a bom termo este desgraçado assumpto. Ver-nos-hemos ámanhã de manhã. A essa hora já deve estar concluida a cerimonia da colação da ultima pedra na catedral, e a festa que costuma seguir-se a esse acto. Como pode calcular, o meu estado de espirito não é proprio para festas, mas é um costume a que não posso eximir-me. E' possível que minha mulher tenha algumas melhoras ámanhã, e é tido alguma coisa mais se saberá.

—Assim o espero, replicou Holmes. Tudo correrá pelo melhor. E despedindo-se do industrial abandonou á pressa a casa na companhia de Harry Taxon.

para poderes ler socegradamente. O vento sopra furioso, e lá dentro não nos incomodará.

Os dois policas encaminharam-se na direcção de umas lanternas vermelhas, que lá muito ao longe, se divisavam.

Entraram n'uma taberna pouco frequentada, beberam alguns grogs e dirigiram-se para um compartimento no fundo, onde se consideraram completamente sóas. Chegando-se para um canto, livres de olhares e ouvidos curiosos, Holmes tirou do bolso um pedaço de papel amarrado, collocou-o sobre a mesa, e estendeu-o ao seu companheiro, logo que o tasqueiro acabou de os servir.

A letra parecia de mulher.

Harry leu com difficuldade.

## CAPITULO III

### Na pista dos bandidos

—Então, meu rapaz, disse Holmes para o seu ajudante e amigo, logo que se acharam a uma certa distancia. Que te parece tudo isto?

—Peio-menos até agora não vas muito mal, respondeu Harry.

—Sherlock Holmes sorriu.

—Mas não vejo muito claro em tudo isto, mestre. Estará realmente o caso muito intricado? Todavia, penso que deveriamos investigar o passado da esposa do industrial. Não posso explicar o facto de essa senhora occultar a identidade do criminoso que a feriu no quarto de dormir.

—Muito bem, Harry. Mas vejo que estás impaciente por saber o que seocorreu debaixo da cama, e que immediatamente escondi no bolso interior do meu casaco.

Sim, sr. Holmes, não lhe occulto que estou ansioso pela sua explicação, se n'isso não houver inconveniente. Notei um lampejo de alegria no brilho do seu olhar.

—Pouco tempo estarás n'essa impaciencia. Antes de chegarmos ao parque Newington, onde devemos estar ás dez horas, satisfarei a tua justa curiosidade, e combinaremos o nosso plano.

—Este caminho conduz ao parque? perguntou Harry admirado. Quasi que se ouvem os rumores de Londres! Que faremos n'esta região isolada, onde não se pode andar de noite sem armas?

—Já vases perceber tudo, quando leres esta cartilha, que encontrei enrolada debaixo da cama, respondeu o grande policia. Entremos em qualquer habita-

«Antiga miss Bradenridge, hoje riquissima senhora Morgan.»

«Tendo a senhora faltado esta noite ao cumprimento de sua promessa, por causa da subita chegada de seu marido, eu exijo que se submeta ás seguintes condições e se explique para seu proprio interesse. Que a senhora ou pessoa da sua confiança vá amanhã, sabbado, ás dez horas precisas, ao sitio, que hoje lhe indiquei no parque de Newington, depositar a quantia de cinco mil libras em notas do Banco. Com estas pequenas quantias me irei contentando, até que se resolva a entregar-me o que preciso e quero. Se se recusar a fazer isto, se não apparecer com o dinheiro, então no dia seguinte, domingo, em presenca de seu esposo tudo... e saberá então a sorte que a espera. Aconselho-lhe prudencia, pois possuo provas que a compromettam. Basta que eu pronuncie uma palavra, e immediatamente deixará o seu retiro de vinte e cinco annos a tal pessoa da qual me lembra. Acantele-se e veja o que faz até ámanhã ás dez horas da noite. No caso contrario fallarei ainda ámanhã a noite. N'este meio tempo regressará seu marido.»

«Sua substituta.»

—E' infame e vergenbosa esta carta de ameaço, observou Harry depois de ler attentamente o torpe papel e de o entregar ao mestre. Julga, sr. Holmes, que a infame auctora d'ella appareça hoje as dez horas da noite em Newington Park?

—Sem duvida, lá estará, afirmou Sberlock Holmes.

—E não irá sózinha, mas acompanhada pela outra da queimadura, aquella que praticou o crime de hontem. Devemos ser cautelosos. Convem que não nos vejamos, e quando voltarem ao seu esconderijo, perseguir as hemos sem que nos vejam, para desvendarmos finalmente este mysterioso caso, e conseguir explical-o. Proceder á sua captura no parque, poderia trazer um mau successo. Teremos de separar nos, pois, naturalmente, não vivam na mesma casa, e d'outro modo era impossivel seguil-as. E' um caso interessante, como poucos me tem succedido.

—Mas ainda temos que fallar a este respeito. Falla apenas um quarto de hora para as dez. Estaremos, portanto, no ponto indicado ás dez horas.

—Mas convem, mestre, que fiquemos muito perto para que nada nos escape, pois que o parque Newington é muito grande. Onde pensa o sr. Holmes, que os patifes terão a entrevista com senhora Morgan, ou qualquer enviado seu, no caso de ella não despresar, o que não me parece verosmil, as ameaças que lhe fazem na carta?

—Creio que não me engano se te disser que esse sitio é já conhecido da senhora Morgan. Só ha um que está n'essa condicão.

—Refere-se a uma pequena rotunda que está no meio do parque?

—Exactamente, pela circumstancia de o sitio não ser muito seguro de noite, o que o torna proprio para tratar de negocios escuros.

—Não ha de ser muito agradável a senhora Morgan encontrar ali, de noite, o sr. Taxon.

—Que fallas poderás ter havido no passado d'essa senhora, a não ser o seu nome de menina Bradridge, para que hoje venham martyrisal-a?

—Pelo que depreendo d'esta carta, esta tudo explicado, respondeu Sberlock Holmes. Lembra-te que a ameaça apenas com o marido. Por ahí chegaremos a saber quem é a tal pessoa da queimadura, e quemmas que é uma e a mesma pessoa que anda envolvida n'este mesmo caso. Reflecte tambem que só passado vinte e sete annos vem ameaçal-a com a sua denuncia. Quanto tempo julgas que tem decorrido desde que casou a senhora Ellen Morgan?

—Vinte e sete annos o maximo, respondeu Harry. O engenheiro Roberto Morgan, seu filho, não tem ainda essa idade.

—Averiguemos isso, Harry. E retrocedendo dois

annos antes do seu nascimento, podemos encontrar o mysterio que envolve a assignatura da carta: — «Sua substituta.» — Mas está claro como agua. Até lá dizer com toda a segurança quem, hontem á noite, atacou a pobre senhora. As informações que o marido me forneceu acerca de alguns parentes da mulher, levam-me a essa conclusão. Espero que descobriremos o mobil do crime e a segredo que a carta contém. Adiante, temos que chegar á rotunda do parque antes dos bandidos.

Levantaram-se da mesa, pagaram a despeza e sahiram. Em seguida atravessaram a rua Islington.

Ao chegarem junto do parque Newington batiam nove horas e tres quartos em todas as torres. Atravessaram uma das muitas ruas que comtornam a rotunda.

O vento frio e agreste do outono soprava com furia. Densas trevas os envolviam. Aqui e acolá, distantes umas das outras, algumas lanternas projectavam a sua debil claridade.

Caminhavam pelo meio do arvoredo, com as revolturas na mão preparados para a primeira oportunidade.

Eram realmente bem cruéis os inimigos da senhora Morgan marcando-lhe uma entrevista n'aquelle parque após uma ausencia de tantos annos.

Como elles se julgavam seguros da sua victoria, saia a pobre mulher comparecesse no maldito parque!

Quanto mais se aproximavam do ponto da entrevista, maiores cautelas tomavam.

Estavam preparados para repellir o ataque da pessoa que preparara toda esta intriga.

—Mas, até então, ninguém surgira na sua frente.

O vento aspero e cortante espalvava do parque os seus frequentadores nocturnos.

Não se sentindo abrigados, procuravam outros lugares mais recatados e confortaveis.

A rotunda apenas era illuminada por um unico lampião, o que os poucos candeeiros que alli havia, tinham uma luz escolitante e confusa por effeito da ventania.

Os bancos collocados com largos intervallos estavam geralmente occupados por operarios.

Homens e mulheres, empregados nas proximas fabricas, ao o tempo permitto, iam para ali tomar as suas refeições. E á noite os vadios exaustivamente pelas ruas do parque.

N'aquelle dia, porém, não apparecia nenhum.

Sberlock Holmes e Harry Taxon pararam junto de uma grande platano.

D'ahi podiam observar tudo perfectamente.

Estavam os bancos de ambos os lados guardados annos a chegada da « substituta » e do seu acompanhador.

Finalmente ouviram-se os relógios das torres dar as dez badaladas. Mas ninguém apparecia ainda.

A impaciencia dos dois policiaes estava no seu auge, quando subitamente se ouviu o ruído de ramos secos e folhas, e pouco depois appareceram dois valtos na rotunda.

Era uma mulher robusta vestida de creada com feto não muito limpo, uma mulher, enfim, com a phantasia e grande criminalista, na supposicão de que assim fôsse a tal « substituta ».

O companheiro, á primeira vista, parecia ter uns vinte annos. Era evidentemente, um operario, pedreiro, como indicava a sua grosseira camisola manchada de sal.

Eis, sobretudo, attrahiu logo a attenção dos dois policiaes.

Observaram-nos attentamente quando a mulher, que parecia ter entre cincoenta e seisenta e cinco annos, e o seu companheiro se approximaram de um candeeiro.

Desajavam impacientemente certificar-se se o homem apresentava signaes de uma queimadura na face.

Breve tiveram a satisfacão do seu desejo.

A mulher e o companheiro atravessaram a rotunda, encaminhando-se para junto dos bancos.

Os dois policiaes pararam atraz d'elles guardando o silencio.

« O homem apresentava, na face esquerda uma enorme queimadura. »

Era a elle que verdadeiramente se tinha referido a « substituta » na sua carta á senhora Morgan!

A debil luz dos lampões podia ver-se a circunscricão sanguea no rosto sem barba.

Pararam junto do candeeiro para distinguirem ao longe a espeda do industrial ou pessoa da sua confiança.

O homem da queimadura depois de esperarem algum tempo em vão, disse desdenhosamente, dando uma gargalhada:

—Nem ella, nem o tio veem. O tio conseguiu enganar-nos, fazer nos vir aqui, para pescar mais facilmente as aguis tuas.

Grande estupefacção observou a mulher. Não precisava, então, procurar-me, pois podia perfectamente arranjar-se sem mim e levar á bom termo o seu negocio.

Ditas estas palavras encaminhou-se com o companheiro para um banco e sentou-se.

Depois proseguiu:

—Não se deve ser impaciente.

—Apparecerá o outro, pelo menos.

—Não tens razão para chamar nomes ao tio, Um

rapaz nas suas circumstancias deve considerar-se feliz por lhe surgir da America, como por encontro um tio que em breve o arrancará do vioio e da torpeza, assim como á sua digna mulher.

—Pois não me sinto orgulhoso com tal parentesco, disse elle, sorrindo. E para te fallar com franqueza, minha velha, não acredito nas palavras que hontem te impingiu.

—Poi pessima a impressão, que produziu em mim, quando o vi sair da porta do pateo da fabrica de Morgan e caminhar pelas ruas escuras.

—E todavia, conforme hontem me disseste, affastante-te immediatamente, e a tua namorada, a bella creada de quarto, esperou inutilmente por ti no logar combinado e regressou a velha. Sem duvida que te pareceu logo muito interessante!

—E que admira isso, se o homem procedeu tão extraordinariamente, saltando em casa de Morgan, e tentando assassinar a occulta!

—Quando passo proximo de mim trazia a mão direita envolvida n'um lenço e tive occasião de ver que vinha manchada de sangue.

—Eu estava n'um sitio escuro, muito proximo do portão, quando elle saiu precipitadamente, e se escondeu atravez as ruas. Lá o apressado que não reparou em mim.

—Com mil demónios! Nunca pensarás que se encaimava com tanta pressa para o nosso bairro, e muito menos para nossa casa!

—Mas qual é a razão porque nunca me fallaste n'este tio?... e para que havia de eu saber que era nossa parente tão proximo?

—Esquecera-me já d'elle, Johnny, respondeu a mulher. E a minha estupefacção não foi menor que a tua quando me appareceu subitamente, após uma ausencia de vinte annos. Ao vel-o apparecer á porta sem barba, julguei que era algum velho que me vinha procurar. Certamente não teria ficado tão assustada, se soubesse que tu, meu patife, estavas escondido no corredor atraz d'uma porta, para espiares o intruso!

—Mas fiquei arrependido de não ter saído do meu esconderijo, rugiu o da queimadura.

—E' incoerdivel, não entra na cabeça de ninguém o que o rapaz te contou hontem a respeito da senhora que nos deve trazer muito dinheiro.

—O tal velhaco que te massou durante uma hora e que te obrigou a escreveres a famosa carta é meu tio! Ah, ah! Nada me tens dito a respeito d'esta parente, cuja existencia, até hontem, ignorava.

—Não sejas o que ha por detraz de tudo isto, mas não vejo as cousas muito limpas, e não me convem estar envolvido em um negocio escuro que me pode privar da liberdade, e talvez da vida.

—Disseste-me que, quando se despediu de ti, pro-

metido vir esta noite aqui, veremos se cumpre a sua palavra.

«Esta velhaco que vagueia continuamente da America do Norte para a America do Sul, bom pode ser irmão de Jim Backley, do teu defuncto marido, fallido ha trinta annos...»

«Com mil demônios! Sendo assim é então a ti e a Jim Backley que devo a minha vida de cão n'este mundo?»

«E que relação existem entre esse tio e essa minha rica e quem escreve, e que hoje nos hade entregar o dinheiro?»

«Então, velhal Diz alguma coisa! O que aconteco para que tu, que és minha mãe, resolvesse occultar-me a minha verdadeira situação?»

«Falla, Betsy Backley, não és tu minha mãe? E o meu verdadeiro pae não era Jim Backley? Desvendam-me aqui immediatamente os teus terriveis segredos, antes que chegue aquelle, que dizes ser meu tio.»

«Não estejas a lamentar-te, homem ingrato, respondeu Betsy Backley muito excitada, em voz forte que trahia o habito imoderado do alcool. Ainda hoje saberás do que se trata, assim como que é a victima que te offereço. Estou certa que me ficarás eternamente reconhecido.»

«É' possível possível. Porque, tu, que me fallas de gratidão, é' porque me collocaste diante de impressões e terriveis deveres! gargalhou o homem.»

«Bastantes vezes tenho arriscado a vida por tu a causa... mas espero que não será por muito tempo mais... Se casar com Lucia, que dispõe de algumas economias, então...»

«Pode ser que tenhas razão, observou a velha sorrindo. Todavia, tenho a certeza que o nosso futuro se apresentará mais desanuçado.»

«Não me contristes, não te contristes com essas palavras! respondeu o homem da queimadura. Não sei o que acontecerá para o successo dos planos que tu e o tal tio architectarams hontem á noite!»

«Mas quando virás, se vier, a senhora Ellen Morgan com as cinco mil libras? Estou vendo em tudo isto uma grande embrolhada.»

«Conseguiate aitrair-me até aqui, e distribues-me um papel arriscado, pois que tenho o presentimento que algum apparecerá para castigar a extorsão que vas fazer.»

«Ignoro o que escreveste á mulher do rico Morgan e o que o americano resolveu fazer. Lucia disse-me na ultima vez que fallámos, que o tal tio tinha ferido a sua senhora com um punhal, e eu prometti guardar segredo.»

«Quero que me digas positivamente o que o teu amigo de tantos annos quer fazer hoje ás dez horas

da noite, e que relações ha entre elle e a senhora Morgan.»

«Se' hontem, quando escutei a conversa que tiveste com elle, bem ovil, trataste de me lançar sobre a dama, só para servir os interesses dos dois! Quero saber o que os dois pretendem de mim, quero saber d'onde conhece esse homem, e finalmente, se tu és ou não, minha mãe, como sempre suppa.»

«Calou-se subitamente, e ergueu-se. Pouco depois, aquelle do quem estava fallando, appareceu junto do banco.»

«Era um homem alto, delgado, exactamente como Lucia o tinha descrito. A barba, em hico, dava-lhe um rosto escuro e esguio uma certa semelhança mephistophica. Na mão direita, trazia uma figurada preta.»

Sherlock Holmes e Harry Taxon, occultos atraz dos platanos, junto dos quaes o homem mysterioso passára, tiveram tentações de lhe saltar em cima, e fazer o mesmo a Johnny Backley Pelo que tinham ouvido, concluíram ser aquelle homem o patife, que no dia anterior penetrara em casa de Morgan, e acaudra a esposa do industrial. Era elle, evidentemente, o chefe da conspiração tramada por aquelle trio contra a infeliz sr.<sup>a</sup> Morgan.

«Eu encarrego-me do Mephistophiles da barba comprida e da figurada, segredou o...»

«...escupulo, e tu tomarás a tua parte de...»

«Espera, que ainda hoje nos apoderaremos d'estas importantes personagens. Agora bem os ouvimos. É' preciso não perder uma só palavra do que disseram.»

«Como passa, minha boa amiga, começou o homem, apresentando-se em frente da velha. Agradeço-lhe muito a sua pontualidade, e trazer consigo, como prometteu, este bello rapaz.»

«A dama que expressamos ainda não chegou?»

«Não, senhor, respondeu Betsy Backley, e receio bem que não appareça. Johnny, como hontem lhe contei, soube pela creada de quarto, que a dama recebeu hontem uma punhalada, dada por um individuo que penetrou occultamente na casa. Diz-se que esse homem é' pedreiro e trabalha nas obras da fabrica, na chaminé. Se foi o senhor ouctor d'esse attentado, pois mais ninguém o poderia ter feito, não é' para admirar que a sr.<sup>a</sup> Morgan não compareça.»

«O que? exclamou elle excitadissimo. Eu ataquei a sr.<sup>a</sup> Morgan? Eu feri-a? Não, isso é' uma infame, uma vil calumnia. Ou será uma invenção dos dois policiaes, que pretendem apoderar-se do individuo que visitou a dama. Mas não o conseguirei. Juro-lhes que a sr.<sup>a</sup> Morgan não pronunciou o meu nome ao seu lado de dór. Foi ella mesma que se feriu. É' extremamente nervosa e excitavel.»

«Logo que soube o que eu pretendia ella, puxou

de um punhal e lançou-se sobre mim para me matar. Tentei afastar-a, mas ella resistiu, e n'essa occasião fiquei ferido na mão direita, junto do anel. E' provavel que ella, possuida de grande excitação, por eu conhecer o seu segredo e receando que elle se dísse gaste, tentasse contra a sua existencia, e se ferisse.»

«N'esse caso, parece que a senhora Morgan tinha grande receio do senhor, atalhou Johnny Backley.»

«Preciso que me diga a razão da sua poderosa influencia sobre essa dama, que o habilitou a exigir-lhe a quantia de cinco mil libras, por intermedio d'esta mulher, e a utilizar os meus servicos contra a mulher do industrial. Como, e de que maneira despendehar o papel que me quer distribuir? Será, tambem, verdade que o senhor está apparentado commigo, e que é' meu tio?»

«São muitas perguntas de uma só vez, meu querido rapaz, redarguiu o homem, ao mesmo tempo que se sentava no meio de ambos, no banco.»

«Mas vou responder separadamente a cada uma das suas perguntas.»

«Ora escute-me.»

«A Providencia enviou-lhe um bom e verdadeiro amigo, assim como a esta digna mulher que, ha vinte e seis annos está em logar de sua mãe, para os livrar d'istissima situação em que se encontram. O senhor, meu Johnny, deveria hoje possuir uma fortuna a, e ser pád d'Inglaterra, se tudo corresse como devia correr, quando viu a luz do dia, se seus paes se compenetrassem dos seus deveres paternaes.»

«Perguntou-me se sou seu tio? Sou seu tio natural, pelo menos. Se-lo-hia mesmo le titimamente, se as relações entre sua mãe e meu irmão fossem santificadas por um sacerdote.»

«Esta mulher não é, portanto, minha mãe?»

«Não á sr.<sup>a</sup> Betsy Backley está em logar de sua mãe, pois foi a ella que sua verdadeira mãe o confiou.»

«Seus paes, logo que o senhor nasceu, abandonaram-no. Creio mesmo que, com uma crueldade inaudita, desejariam ver-se livres do senhor por meio de um crime. Foi eu que o salvei da morte, e que, com os meus poucos recursos, o confiei á sr.<sup>a</sup> Betsy Backley, para que cuidasse de sr, e o tornasse um homem util á sociedade.»

Johnny estava altamente impressionado, e disse ao maior anodidade:

«Diga-me, senhor, quem são seus paes? O senhor acaba de affirmar que eu deveria ser hoje pád d'Inglaterra?... Então, meu pae é' rico e nobre?»

«Sem duvida, assim é'.»

«E o senhor é' irmão d'elle?»

«Sim, Johnny, e foi para e auxiliar a rehavér o que lhe pertence que vim da America a Inglaterra.»

«Depois da morte de seu pae, no Rio de Janeiro, que o não contemprou no seu testamento com um unico shilling, resolvei obrigar sua mãe, que vive em Londres na riquissima, a repartir commigo as suas immensas riquezas, com a condição de o senhor, uma vez na posse d'elles, repartir commigo e com esta excellente mulher, visto que nada temo, e contribuiros para a sua independencia, que, sem a nossa cooperação nunca poderia alcançar.»

«Ah! comprehendo agora tudo, gritou Johnny com a maior animação.»

«Minha mãe é' então a esposa do rico industrial Fred Morgan?»

«É' verdade, Johnny, respondeu o outro visivelmente satisfeito.»

«Essa mãe cruel, que não hesitou em condemnal-o á morte, que já talvez se não lembra das suas culpas deves, agora soffrer a punição das suas culpas, e indemnial-o dos trabalhos e privações que lhe causou durante dez annos, enquanto ella vivia feliz e descondo no meio da maior apulencia.»

«E' ella a verdadeira culpada, pois meu irmão nunca a abandonaria, se ella não faltasse aos seus deveres, se não ultrajasse a sua honra. Depois de o senhor nascer, ella abandonou-o, para se unir a Fred Morgan, porque era mais rico que meu irmão, e que a amava loucamente.»

«Ousado, agora, Johnny, condemnar o que hontem fiz, o que hei de fazer hoje, amanhã e sempre até que entre na posse do que de direito lhe pertence? Vejo que isso offerece certas difficuldades, porque temos de tratar com uma mulher obstinada e inflexivel. Mas havemos de dominal-a. E o senhor não se recusará a fazer o que eu lhe propuzer, para alcançar o desejado fim.»

«Pensa que me darei a conhecer com seu filho, que a ameçarei de denunciar as relações que manteve com seu irmão? Mas quem é' meu pae? como se chama? O senhor ainda não pronunciou o seu nome, nem minha mãe adoptiva alguma vez se referiu á elle!»

«Meu irmão era lord Ralph Clifford, e su seu James Clifford, remanquiu o outro em voz forte.»

«Comtudo, o senhor não terá necessidade de a ameçar com esse nome. Procederá de outra maneira.»

«Tenho em mente um plano grandioso para ferir a sr.<sup>a</sup> Morgan até ao mais intimo do coração, e para remover todos os obstaculos que possam difficulitar o ataque ao seu importante dote, e á enorme fortuna do marido e do seu unico filho, Roberto. Então, Johnny, será um dos meus ricos senhores d'Inglaterra, e lembrar-se-ha de seu tio e de sua mãe adoptiva, recompenstando os generosismos pelo que elle fizeram por si!»

«Mas vou confiar-lhe o meu plano.»

«Está porém, diga-me.

«Está pronto para amanhã de manhã cedo, executar a ouzada empresa de privar a sr.<sup>a</sup> Morgan de seu filho legítimo, para que julgue todo perdido, e mais tarde, lhe faça doação a si, de todos os seus bens?»

Johny encolheu os hombros.

Pelo corpo passou-lhe um calafrio, provocado pelas palavras do demónio que fallava pela bocca d'aquelle patife.

Sherlock Holmes e Harry Taxon, que estavam muito proximos do banco, puderam notar que elle hesitava. Mas depois respondeu:

—Sim, tio, pode contar comigo. Se fôr preciso derramar sangue, derramalo-hei, pois estou resolvido a recuperar aquillo de que minha mãe outr'ora me privou.

«Pentencas hem á raça dos Clifford, redarguiu o bundido puxando Johny para traz do banco, de modo que quasi iam deitando por terra um arbusto que encobria os olhos policias.

—A empresa é de facil execução se fôr bem preparada esta noite.

«Sabes que amanhã será collocada a ultima pedra na chamada monstro, e que por esse facto haverá uma grande festa, a que Morgan e seu filho, que é o architecto, deverão assistir no andaimo...

As palavras que se seguiram não podiam ser percebidas por Holmes nem por Harry. Tinham sido as grandes suas ouvidos do mancho.

Mas o que James Clifford dissera so sobrinho de via ser uma coisa tão horrivel, que este recuseu aterrorizado.

Após breves momentos, uma expressão satânica se lhe diviso no semblante, e respondeu.

—Muito bem, tio, e apertou-lhe a mão tão fortemente, que este não pôde reprimir um pequeno grido de dor. Isso fôr. Obrigado pelo seu conselho. O seu plano é verdadeiramente excellente, e certamente dará bom resultado! Ah, sh, ah, e ninguém poderá desconfiar de mim, quando se dêr o desastre. Vamos, tio. A pessoa que esperamos já não vem. Seria loucura esperar mais, resolvendo não executar o bello golpe que acabamos de planear. Vou rapidamente a casa manir-me dos objectos mais necessarios, e o senhor deve tambem dirigir-se para a rua cavour.

«Adios, tio. Amanhã nos tornaremos a ver, de depois de a empresa realizada.

Johny apertou novamente a mão do outro, e approximo-se de Betzy trocando com ella algumas breves palavras. Depois afastaram-se para abandonar o parque.

Caminhavam apressadamente para Lodington, por um atalho occulto, conversando em voz baixa.

Não notaram a presença de Holmes e Harry, que os seguiram a distancia, e que, fóra do parque, quando James Clifford se despedia da velha e de Johny, tomados outro caminho, o policia amador ia na pegada de Clifford e Harry na de Johny e da mãe adoptiva d'este.

#### CAPITULO IV

#### Confissão d'um criminoso

O ex-coronel do exercito inglez, James Clifford, que, ostentando deixara a America por ter al praticado alguma patifaria, parecia habitar no mesmo bairro de Betzy Backley e seu filho adoptivo. Não saia fóra dos limites de Linston, e depois de atravessar muitas ruas e vielas, entrou n'uma casa velha, de má apparencia, onde se via em uma tableta pintada a tres côres, a palavra «hospedaria».

Esta tinha sido fundada n'uma das ruas mais afastadas de Linston, logo no começo da existencia d'aquelle bairro.

Durante o trajecto do parque Newington para a hospedaria, Sherlock Holmes estranhara o passo de Clifford, era cada vez mais vagaroso. Teve a impressão de que o homem caminhava com difficuldade.

Holmes, que caminhava atraz d'elle, notou que, de vez em vez, soltava gemidos que deviam ser producidos por dóres agudas.

—E' evidente que a ferida da mão causada pelo punhal com que tentára assassinar Ellen Morgan, lhe provoca aquellas dóres, murmurou o genial criminalista. Parece que a ferida é grave. Mas o que noto de extraordinario é que só hoje se manifesta aquelle symptoma de fraqueza. Desconho que difficilmente poderá subir a escada velha e carunchosa que deve con-

duzir ao primeiro andar, onde ficará o quarto d'elle.

Holmes esperou no vestibulo involto na sombra, que Clifford subisse a escada, dobrando o corredor do primeiro andar. Subindo pelo corrimão notou que o homem abria uma porta no corredor mal illuminado por duas pequenas lampadas e desaparecia.

Apressado o passo, Holmes appareceu em frente da porta na occasião em que este acabara de encostar.

Entrou-a, e entrou no aposento do criminoso no momento em que elle se dispunha a renovar o passo da ferida de luz de um candeeiro de petroleo.

Fingindo que era hospede da casa, e que se havia enganado na porta, Holmes deteve-se no limiar, e dirigindo se cortezmente a Clifford, disse:

—Queira desculpar-me, senhor, mas enganaste-me na porta. Preparava-se para se retirar e ia febrida a porta. Mas, subitamente fingiu reparar na ferida da mão que já não tinha a ligadura. E antes que Clifford o pudesse evitar, avançou para junto do ferido, dando ao rosto uma expressão de piedade.

O criminoso tivera que sentar-se em um sofa em consequencia do seu estado de fraqueza e olhava para o grande policia muito apprehensivo e admirado.

—O que é isso, senhor? Parece ter na mão uma ferida bastante grave!

«Como sou medico e o acaso me trouxe aqui, permitta que em examine o seu ferimento. Tenho sempre prazer em ser util ao meu semelhante.

Apparentemente a mão de Clifford, teria certamente preoccupado qualquer medico.

A mão estava muito inchada e os labios da ferida apresentavam uma côr azul-avermelhada que não era nada tranquilizadora.

—O senhor é muito bom doutor, disse por fim Clifford; espero, porém, que não será tão grave como pensa. Penso mesmo que poderei dispensar o auxilio da sciencia.

—Isso de forma alguma, senhor, objectou Sherlock Holmes energicamente.

«A faces do punhal com que essa ferida foi feita, não seria a que se vê sair de dentro do seu bolso?»

E n'um movimento rapido arrancao-lhe o afoado punhal que expoz aos raios do sol que entravam pela janella do quarto.

Depois perguntou:

—A lamina d'este punhal está envenenada? Responda, sr. de Clifford, que circunstancias se deram para que o senhor apresente essa ferida?

O handido soltou um grido de horror ao ouvir estas palavras, e o seu rosto emmagrecido e um pouco aadredo pelo calor dos tropicos, tomou uma côr esverdeada.

Agarrou com a mão esquerda um revolver que se-

tava sobre uma mesa por detraz da cadeira, e que Holmes não tinha ainda visto. Mas não chegou a servir se d'elle, porque o genial criminalista, mais rapido que o pensamento, arrancou-lho subitamente da mão.

Não fez um movimento, não solto um unico grito, coronel Clifford, exclamou Sherlock Holmes em voz baixa. O senhor que se inclina a passos agigantados para o tumulo, pois, provavelmente só terá um dia de vida, está em meu poder. Foi seguido por mim desde o parque Newington até aqui. Sei quem é. Sei que foi o senhor que se introduziu na Villa Morgan para roubar o industrial, e sei tambem que foi o senhor o autor da carta exigindo a quantia de cinco mil libras á senhora Morgan, carta que foi escripta por Betzy Backley.

—Mas quem é o senhor, então, disse James Clifford n'um gemido, quasi desfallecido, e com o semblante transtornado e olhos saado-lhe das orbitas.

—Sou Sherlock Holmes, respondeu com toda a naturalidade o grande criminalista com um sorriso a brincar-lhe nos labios.

—Ao ouvir este nome, como se a trombeta do juizo final lhe ouvera soado aos ouvidos, Clifford sentiu que todas as suas forças o abandonavam e encostou a cabeça ao espaldar do sofa.

—Sherlock Holmes! repetiu completamente transformado. Oh! então eston perdido! De nada serve illudir a verdade!

—Certamente, redarguiu o grande policia, e bom seria que fosse sincero em todas as suas declarações.

«Falle pois, abra-me o seu coração, confesse todos os seus crimes, e arrependa-se, antes de comparecer perante o supremo tribunal do Omnipotente, do qual não ha apellação possível.

«Talvez que Deus, apiedado de do seu arrependimento, lhe comoda a inefavel grapa de não morrer em peccado mortal.

«Quer confessar que é James Clifford e que commetteu o crime de que o accuso?»

O criminoso fez um leve gesto affirmativo com a cabeça.

Olhava ansiosamente em redor do quarto.

Sherlock Holmes comprehendeu o que elle desejava.

O moribundo com a fronte inundada do gelido frio da morte, desejava ansiosamente uma gota de agua para refrigerar-lhe a bocca secca e Sherlock Holmes deu-lhe uma garrafa que estava sobre a mesa.

O desgraçado agarrou-a precipitadamente e bebeu sofragamente alguma gota.

Allivado momentaneamente, declarou:

—Sim, sr. Holmes, sou James Clifford, e vou confessar-lhe tudo. Sei que eston irremediavelmente condemnado á morte, e n'este momento supremo não se

mente. A alma desligando-se do seu vil involucro material, arrependia-se das más acções que na terra praticou e procura reabilitar-se para alcançar o perdão de Deus.

E, confortando-se no sephá exclamava:

—Que martyrio, meu Deus! que dores horrivolas sinto como que a lava de um vulcão percorrer me as veias!... Interroge-me, sr. Holmes, porque sinto avestimar-se a morte.

—A senhora Morgan foi ferida com este punhal? perguntou Sherlock Holmes.

—Não, respondeu James Clifford n'um murmurio. Quando disse a Ellen que, ou me dava dinheiro, ou desbarava a sua mercadoria que tinha tido um filho de meu irmão, impedi que ella se suicidasse com este punhal, que lhe fôra oferecido por meu irmão Ralph, e qual recebera de um indio...

Ella sabia, evidentemente que esta arma estava envencenada, mas eu ignorava-o, pois do contrario ter-me-hia acautelado e não estaria agora ferido de morte.

—A senhora Morgan não recebeu nenhuma ferida no peito antes do innocente de hontem á noite?

—Não, senhor. Se está ferida, como ouvi dizer, foi com uma outra arma.

—Graças a Deus, disse Holmes, vivivelmente satisfeito. Foi uma providencia que o senhor tivesse a inspiração de arrancar essa arma fatal das mãos da pobre seahora, sem o quê, mais uma victima teriamos a lamentar; e é isso uma attenuação para a acção criminosa que o senhor estava praticando.

—Sim, respondeo o criminoso, mas em compensação, eu estou aqui ferido de morte.

—E' a justiça de Deus que muitas vezes se manifesta na terra de uma maneira evidente.

O criminoso abaxou a cabeça e uma palidez mortal lhe cobriu a fronte.

Sherlock Holmes proseguiu:

—Infelizmente o senhor, não deve occultar-lh'o, apenas ter um quarto de hora de vida. Os effeitos do veneno propriam com rapidez. O seu fim aproxima-se.

«Depressa, senhor, rogo lhe. Confesse qual foi o mobil que o induziu a praticar esse crime e a alliar-se com o rapaz da quadimadura na face.

«Johny Backley é effectivamente filho de sua irmã Ralph, fallecido no Rio de Janeiro o dia ex miss Ellen Brand-uridge?»

—Jurou-lh'o, sr. Holmes, e espero que Deus me perdoe os crimes que commetti, acrescentou com solemnidade, e em voz debul.

—E onde moram esse Johny Backley e sua mãe adoptiva?

—Nas trazeiras d'esta casa, na rua Nelson numero

onze, respondeo com grande diffidência o moribundo. A chave da casa está na minha algibeira.

—Obrigado, James Clifford, disse Holmes humedecendo com um lenço embeuido em agua a fronte do moribundo, que tentava erguer-se para entregar a chave.

—Diga-me apenas uma coisa, e não o tormenta-rei mais. Em que consiste o acto infernal que Johny Backley deve executar amanhã de manhã? Esse acto que é de facil realisação se for preparado esta noite? Esse acto criminoso que privará a senhora Morgan de seu filho legitimo, Roberto, e que tornará, a realisar-se, mais tarde, Johny possuidor de enormes riquezas.

E Holmes approximou o ouvido da bocca do moribundo, de maneira a poder ouvir o menor som.

Mas as forças de James Clifford diminuiam extraordinariamente.

Não podia suster-se de pé a pesar de Sherlock Holmes o amparar.

James Clifford approximava-se rapidamente da morte. A cabeça pendia para a frente e os olhos tinham uma expressão gíacial, selvagem.

Sherlock Holmes que recuperara ha pouco a sua tranquillidade, começou a inquietar-se vivamente.

Se Clifford espirasse sem revelar o segredo d'aquelle plano machiavelico, que Johny devia pôr em pratica contra o industrial e seu filho Roberto, impossivel seria evitar a catastrophe.

—Falle, Clifford, tenha animo, fallot dizia Holmes ao ouvido do moribundo, tentando chama-lo á vida.

O que ha de fazer amanhã de manhã Johny Backley? Assasimára durante a festa do acabamento da chaminé os Morgans pau e filho?

Mas Clifford não respondia. Os olhos, de uma fixidez estranha parecia não terem já vida, as extremidades começavam a arrefecer, e de haite, a grande policia insistia por uma palavra que lhe revelasse aquelle factio segredo.

Tevo de render-se á evidencia de que Clifford respondera o limiar da eternidade sem poder responder a sua ultima pergunta.

Holmes tinha um cadaver nos braços.

A sua situação era verdadeiramente critica.

Não convinha que o surprehendido n'aquelle sitio e na companhia d'aquelle cadaver.

Como ninguém sabia que elle se encontrava ali, podia dar-se a circumstancia de ser obrigado a dar longas explicações ao dono da hospedaria, ficando assim impossibilitado por algum tempo de tratar do caso Morgan.

Mettendo pois, o mysterioso punhal no bolso, abandonou o cadaver no quarto, e saiu da hospedaria.

Sem ser visto, favorecido pelas trevas da noite, caminhou na direcção da rua Nelson para saber o que Harry Taxon investigara em casa de Betty Backley

e de seu filho adoptivo. Este devia ainda lá estar tratando dos ultimos preparativos da surpresa do seu regresso.

estavam abandonados a uma mesa, á luz de uma vela que mal alumiaava os dois rostos.

—Então, Johny, dizia a velha, que te parece o tio? Dirás agora tanto mal d'elle como antes de o conhecer?

—Sim, velha, estou satisfeito com elle, respondeo Johny. E' um grande malvado que nos excede em astucia.

—A proposta que to fez estava bem imaginada? perguntou Betty, ao mesmo tempo que tirava da gaveta da mesa uma garrafa cheia de aguardente que estendeu a Johny, fitando-o com os seus olhos de coarja.

Johny bebeu um grande gole, no que foi imitado pela mozeira.

—Não sejas curiosa, velha taratanga, redarguiu o patife, tapando lhe a bocca com a mão enorme.

—Recosias que to dá venencia? regoogou a velha.

«Com mil demônios! Guarda então para ti esse importante segredo. Mas não creio que pusses trabalhar sem mim. Juntos temos conseguido muitas coisas, e cada vez precisará mais da tua mãe adoptiva, que desde tenra edade te educou, e fez de ti um dos sapos mais astuciosos e um dos patifes mais habéis de Londres.

—Tens razão, respondeo o bandido, e não quero que julgues que sou ingrato, e vou contar-te tudo.

«Temos com certeza de trabalhar juntos, e é conveniente que estojas ao facto do que se trata. Antes quero entrar do sociedade contigo do que com o tio.

«Bem, quezilho, respondeo a velha, manifestando a maior alegria, bebe mais outro gole, e vemos combinar a melhor maneira de concluir amanhã o negocio, em que tu terás a maior parte.

«Mas previno-te desde já que, trabalhando sob a direcção do tio, elle exigirá para si a parte do llelo.

«E' verdade, mãezinha, redarguiu Johny, levando á bocca a garrafa de aguardente. Será melhor livrarmos-nos o mais depressa possivel d'aquelle patife.

—Não é facil, observou Betty.

«Quando se despediu de nós, affirmou que voltaria dentro de uma hora para combinar comigo os ultimos preparativos para a empresa de amanhã.

—Com certeza. Estará aqui ha hora marcada, depois de ter novamente tratado da ferida da mão.

«Não foi de boa vontade que lhe dei a outra chave da nossa casa, e por isso, como a tem, virá aqui sem grande difficuldade.

«Julgas que nos devemos desfazer hoje d'elle?

—Com certeza, Johny, é essa a solução mais simples do problema.

«Não seria elle o primeiro que faríamos desaparecer para sempre n'esta loja. Conheces perfeitamente o nosso apparellho.

E a velha casquinou uma gargalhada cínica, len.

## CAPITULO V

## Duas almas de eleição

Harry Taxon usado da maior cautella para que Betty Backley e Johny não percebessem que lhes ia a moço, viu que elles entravam na porta numero onze da rua Nelson, atravessando o escuro vestibulo e entrando finalmente em casa.

Seguiu ao longo do corredor de rez-de-chão sem que ninguém o surprehendesse. Devia ser ali o covill das duas feras. Betty abriu uma porta ao fim do corredor e entrou por ella com o seu companheiro.

Profundo silencio.

Harry esperou alguns minutos.

Depois tirou do bolso a gazua para a qual não havia fechaduras de segredo por mais complicada que fosse, e que tantos serripes lhe tinha já prestado, e introduziu-a na fechadura que se abriu immediatamente sem fazer ruido.

Abriu suavemente a porta e tornou a fechar a encontrando-se então na mysteriosa habitação dos dois bandidos. Mas ficou junto da porta para garantir a retirada, no caso de necessidade.

Betty e Johny tinham entrado para um quarto contiguo, e Harry, deslizando mansamente ponde esconder-se por detraz de um armario que estava encostado a um angolo da casa, e separado da parede, por forma a deixar um espaço onde um homem se podia occultar.

Harry estabeleceu ali o seu ponto de observação. Espreitando por detraz do armario viu que os dois

gando o braço á roda do peçoço do seu digno camarinhão.

— Bem, m'êsinha, arranjarás a coisa como costumás, com toda a limpeza, acco-scentou Johnny, arguendo-se de subito. Retiro-me immediatamente.

«Não quero ouvir tagarelar o tio. De resto, posso bem trabalhar sem elle, usando das maiores precauções. O principal é não me faltar o tempo.

«Não posso demorar-me mais tempo aqui, e vou, sem perda de um minuto ao sítio para dispor tudo de modo que o trabalho da empresa nos dê o resultado que desejamos,

«Poucas horas há até ámanhã ás nove e é urgente ter tudo concluído.

Depois dirigiu-se a um cubículo ao lado, saindo em seguida com uma serra e um facho de operário nas mãos.

Depois de envergar esse fato despediu-se de Betty.

— Então retratás-te sem me contares o que tencionas fazer? perguntou ella com maus modos.

— Não, aproxima-te e escuta, porque muitas vezes as paredes tem ouvidos.

Nunca o bandido tinha dito uma tão grande verdade.

Efectivamente, encostado á parede, mascarada pelo armário, estava o nosso conhecido Harry Taxon escutando com o maior interesse a conversa dos dois bandidos, que se julgavam muito seguros.

Então, começou a expôr em voz tão baixa o machavelico plano de James Clifford, que Harry Taxon apesar de prestar toda a sua attenção, e da agudeza do seu ouvido, só uma ou outra palavra ponde perceber.

Mas essas poucas palavras foram sufficientes para o convencemem que esse plano devia ser horrivel.

Com effeito, o que o homem da queimadura dissera á velha devia ser tão horroroso, que esta, coraçada contra todas os sentimentos bons, ficou um pouco atônita, e exclamou:

— Com os diabol! Johnny, tudo isso é tão atrevido que talvez te arriaques de mais, e recio que não sejas bem sucedido!

— Não pensas n'isso, m'êl! respondeu Johnny sorrindo. Deixa-me. Antes de se dar os acontecimentos, já estarei em segurança. Ah! ah! Hade ser um espectáculo infernal. Ninguem descobriará a causa do desastre! Este tio é um vendicador astançal e por isso ha de descer esta noite ao inferno!

«Não te esqueças, velha, de manobrar com o aparelho após elle chegue.

«Livrar-nos-hemos infallivelmente d'elle antes do concluido o trabalho.

«D'outro modo denunciar-nos-hia!

— A coisa está sempre cuidadosamente preparada,

observou a velha fazendo uma horrivel careta. Basta estender a mão para tudo estar acabado.

«Voltaras antes de ser manhã?

— Talvez, respondeu Johnny. Depende do tempo que a coisa levar. E agora, adeus.

Poz o barrete e encaminhou-se pelo quarto contiguo, onde estava Harry escondido detraz do armário, para o corredor.

A velha acompanhou-o até á porta, voltando depois para o quarto, onde esperava a chegada de Clifford, sentada n'um immundo sofá.

Harry pensava no que deveria fazer. Parecia-lhe melhor esperar um pouco até que Betty Backley adormecesse profundamente, e introduzir-se então no quarto para a obrigar a confessar tudo o que o bandido tencionava fazer com aquelle disfarce de carpinteiro levando a serra debaixo do braço.

Mas como Clifford estava a chegar, no dizer da negra e Holmes certamente viria no seu áncalo resolveu esperar mais algum tempo. Para depois, juntamente com o mestre submitterem os dois cúmplices a um interrogatorio.

Certamente teriam tempo ainda de contrariar o machavelico plano urdido por Clifford contra a vida do industrial e de seu filho.

Harry, pelas palavras que conseguira ouvir, fazia uma ideia approximada do plano que o bandido devia executar n'esta noite.

Estava fabricante, ansioso por contar a seu mestre o que conseguira saber, e por esse motivo afanou-se sem ruido do seu ponto de observação, e seguindo pelo corredor, foi collocar-se nas proximidades da casa, á esquina da rua Nelson.

Ficou altamente surpreendido ao ver pouco depois o mestre andando apressadamente sem conseguir descover Clifford.

O grande criminalista tambem ficou admirado de ver approximar-se o discipulo querido.

— Tu aqui? perguntou. Não esteras na casa do Backley? Não está lá?

Harry contou em breves palavras o resultado das suas pesquisas.

Sherlock Holmes, pela sua parte, declarou que nada sabia do positivo acerca do terrivel trama forjado por Clifford contra a vida de sr. Morgan, os antes contra a de seu marido e de seu filho pois que James expirara no momento em que ia concluir a sua confissão.

— Para adquirirmos a certeza da maneira como está preparado o attentado de ámanhã por occasião do acabamento da chaminé, devemos ir já falar com Betty Backley.

«Pouco ou nada sabemos ainda, e só as declara-

ções da velha nos poderão dar alguma luz. Apressemos-nos.

Entraram na porta numero onze que Harry, ao sair, deixara aberta, sem que ninguém os notasse.

Quando se encontraram junto da habitação de Betty, Holmes pegou na chave que Johnny tinha entregado á Clifford.

«Julgava que seria mais facil abrir a porta do corredor da vaguear, do que servir-se da chave.

Mas, com grande admiração sua, dea-se, justamente o contrario.

Ao introduzir a chave ouviu-se um leve ruido, no silencio da noite, que Betty não percebeu.

A velha, posto que estivesse cansada, não podia conciliar o sono.

O pensamento de que Clifford appareceria de um momento para o outro, conservava-a desperta.

Assustada, arrastou-se até junto da porta n'uma tremura convulsiva.

Distinguiu um pequeno murmuro de vozes que não lhe pareceram ser de Johnny e de Clifford.

Seriam dois estranhos que tinham entrado furtivamente?

Completamente desanimada viu entrar Sherlock Holmes e Harry Taxon, não se atrevendo a mover-se do lugar onde estava.

Sentia os membros entorpecidos quando viu encaminhar-se para ella o grande criminalista que lhe parecia em tom amigavel.

— É a sr. Betty Backley?

— Sim, senhor, o que deseja, respondeu a velha com voz tremula.

— Desejo que me diga sem perda de tempo o que quer fazer Johnny Backley contra sua mãe Ellen Morgan, ou antes, contra o marido e o filho.

A velha rejou-se aos pés de Holmes e, chorando, pediu que lhe não fizessem mal, protestando ao mesmo tempo a sua innocencia.

Passados alguns minutos os dois policiaes estavam completamente ao facto do terrivel plano architectado por Johnny.

Tiveram então a explicação da conversa entre Clifford e Johnny, no parque.

Após um rapido exame á habitação para descobrirem o celebre aparelho que se destinava a fazer desaparecer o criminoso Clifford para sempre, conseguiram encontrar no cubiculo onde Johnny tirara as ferramentas um alçapão aberto no sobrado.

Era por alli que o criminoso seia atraido para o subterraneo.

A profundidade era tão grande que, ao sair, partiria com certeza o craneo.

Holmes e Harry não se detiveram na analyse do subterraneo.

Deixaram Betty no posto policial mais proximo, informando a policia do resultado das suas pesquisas e aconselhando-a a passar immediatamente uma minuciosa busca ao subterraneo da casa da rua Nelson.

Sem perda de um momento correram para a fabrica da Fred Morgan.

Talvez conseguissem surprender ainda Johnny Backley occupado activamente na obra nefanda, preparando a catastrophe do dia seguinte.

## CAPITULO VI

### A catastrophe da chaminé monstro

Holmes e Harry conheciam bem do caminho que conduzia á fabrica do rico industrial Morgan.

An longo, horizonte em lóca, que a noite, afastando a tempestade, tornará claro e transparente, divisava-se a colossal chaminé da fabrica.

Eram quatro horas da madrugada.

«Aquelle hora, n'aquelle parte da cidade, não se viam carruagens, mas os dois policiaes tinham atas nos pés, e, dentro do meio hora achavam-se na rua pouco iluminada que seggia junto do portão.

Antes de o abrirem, lançaram um olhar investigador através as grades, para o grande pateo, que se prolongava á entrada da fabrica.

Não visam, porém, ninguém.

Apenas se distinguiram os gemidos do vigaamento do andaime produzidos pelo vento rijo e agreste, que soprava.

As janellas, que olhavam para a frente, estavam envoltas nas trevas, o que mostrava, e que indicava que os habitantes dormiam a sono solto.

O proprio porteiro, na sua guarita junto do portão, parecia não dar pelo romper da madrugada.

Ninguém desconfiava, por tanto, que um criminoso estivesse, ali, activamente empenhado n'uma obra de destruição.

Holmes empurrou levemente o largo portão de ferro, e entrou no pátio com Harry.

Encobertos com a sombra projectada pelo grande edificio foram desfilando com as maiores precauções.

Espervamos apprehender o bandido no ponto mais elevado da maravilhosa construção, que, de alto a baixo, tinha bem a altura de vinte andares, sendo se em torno da grande chaminé enormes e esguias colunas.

Era verdadeiramente uma obra de arte, que honrava o seu autor.

Segundo as informações de Betzy, o bandido devia, n'aquelle noite, serrar as vigas e os andaimes de madeira a precipitarem no espaço aquelles que sobre elles assistissem aquella festa.

Estava annunciado que no dia seguinte, de manhã, se realisaria, no ponto mais alto do acabamento da obra com assistencia de Roberto Morgan, architecto da construção, de seu pae e de muitos outros architectos de Londres que gosariam d'aquella enorme altura o deslumbrante e vasto panorama da cidade e seus arredores.

Apenas os convidados, confiando na solidez dos andaimes, chegassem á cupula da chaminé, subindo vinte enormes escadas, os andaimes cederiam ao peso, e todos seriam precipitados no espaço.

Cairiam no meio da multidão de operarios que, em baixo, assistiam á festa de acabamento da obra monumental, na qual tinham trabalhado mais de um anno, e alguns seriam tambem victimas da malvadez do feroz bandido.

Bastantes victimas seriam friamente sacrificadas á ambição de um homem, para que a senhora Morgan fôsse privada de seu unico filho Roberto.

Por esta fórma, quando os espiritos se tivessem acalorado do espanto d'este crime hediondo, Johnny Backley dars-se-hia a conhecer á desditosa senhora, apresentando os seus direitos, e formulando as suas exigencias.

Era um projecto audaz, proprio de coraçoão ferino de um bandido consummado!

E o notavel criminalista não recuaria, assim como o seu corajoso ajudante Harry Taxon, em presenca dos maiores perigos para evitar tão tremenda catastrophe, e lançar mão do criminoso para que soffesse o merecido castigo.

E foi com o pensamento humanitario e altruista de salvar tantas vidas irremediavelmente condemnada

que os impellia a trepar, n'essa noite tempestuosa, até ao cume do grande edificio.

Não podiam, nem queriam perder tempo. O barulho das marteladas que ouviam, depressa os convenceu que Johnny Backley trabalhava com ardor na sua obra infernal.

—Subirei em só, disse Holmes ao discipulo. Sou mais agil, e tu talvez percas o equilibrio, e não possas evitar uma queda fatal.

No caminho instavel e perigoso que vamos percorrer, e onde a morte nos espera por todos os lados, todas as cautelas são poucas. Portanto, irei em só.

Mas Harry Taxon, com o seu costumado arrojo, respondeu vivamente:

—Não, não, mestre. Não pôde prohibir-me que o acompanhe.

O mestre sosinho resistirá mais difficilmente ao bandido, emquanto que nós dois o poderemos dominar.

—Não se preocupe commigo. Passo por ser um bom gymnasta, e não correrei perigo serio. Estou resolvido a acompanhá-lo.

—Está bem, meu rapaz, seja como queres, respondeu pensativo o genial criminalista.

E os dois começaram lutando contra a violenta ventania, a sua perigosissima ascensão.

Subiram sem novidade até meia altura, sem que Johnny, entredito no seu infernal trabalho, os notasse.

A escuridão da noite e o barulho da tempestade, protegiam-no.

Holmes levava alguns degraus de avanço sobre Harry.

De repente exclamou em voz baixa:

—Escuta, Harry!

—O que ha, mestre?

—Não ouviste no vigamento um ruido suspeito?

—Não, mestre não ouvi nada. Talvez se engane.

Vamos, depressa. E Deus queira que regressemos com felicidade.

—Talvez soceirado tenha já consummado a sua obra de destruição na base do andaime!

Subiam sempre. Estavam já quasi no cimo da nova escada, e porconsequente, no principio do ultimo lanço.

Johnny ainda os não tinha presentido. Conservava-se de costas completamente absorvido na sua obra.

Apellando para toda a sua coragem, e para o resto das suas forças, trepando, rastejando, deslizando, os dois policiaes chegaram á meta.

Estavam por detrás de Johnny Backley.

No momento em que Holmes se dispunha a lançar-se ao homem da queimadura, as taboas com o excesso do peso, vacillaram de subito.

Holmes e Harry viram logo a imminencia do perigo, viraram-se e encostaram-se ao corrimão.

Após um segundo, as taboas partiram, despenhando-se e enorme andaime com um formidavel estrondo.

Johnny Backley, soltando horriveis gritos foi precipitado no espaço, caindo no solo já morto, reduzido a uma massa informe.

Sem perderem a coragem, os dois valentes policiaes sustinham-se agarrados ás saliencias da chaminé.

Assim estiveram durante algum tempo, juntos um do outro, procurando evitar a menor vertigem.

Foi preciso empregarem inauditos esforços de vontade para não se despenharem. Os ouvidos zumbiam-lhes, as pernas vibravam e um fremito de horror os invadia, quando olhavam para baixo, para o abismo!

O reflexo das luzes vacillantes exercia sobre elles uma fascinção aterradora!

—Viria a vertigem? Se assim fosse, era a morte fatal, inevitavel.

Fecharam os olhos.

Logo salvou-os, pelo menos, momentaneamente. Instantemente, muito lentamente, abriram-nos de novo, para ver o que se havia passado.

A sua força de vontade vencera o primeiro desanimo.

Viram então, que toda a construção bequeara.

De inimigo do coraçoão ergueram-se ao ceu uma ferverosa prece de agradecimento. Só um milagre os poderia ter salvado!

Sherlock Holmes deidiu-se então, a fallar.

—Estás no pleno uso nas tuas facultades, Harry? Podes segurar-te?

—Sim, mestre, respondeu Harry, procurando dar a voz um tom de firmeza.

—Mas e que podemos fazer? Como sairemos d'aqui?

Por dentro da chaminé é impossivel descer, porque para baixo, va alargando a pouco a pouco. Com certeza mestre é este o ultimo dia da nossa vida! Ninguém nos pode socorrer, ninguém conseguirá atirar-nos uma corda. Mas o ruido da queda dos andaimes sobresaltou todas pessoas do chales, na fabrica, e nas vizinhanças. Veja, veja, sr. Holmes! Estão todos reunidos no pátio, gritam, gestoleiam, parecem combinar a melhor maneira de nos socorrer! Mas não a poderão conseguir, mestre. Estamos irremediavelmente perdidos!

—Não percas o sangue-frio, rapaz, aconselhou Sherlock Holmes. Conserva-te fortemente seguro para que o vento te não faça destacar. Creio que tens razão, e se não tivermos coragem, ninguém nos salvará.

—Não podemos ficar n'esta difficil posição até que construam um novo andaime. E' impossivel. Não nos

podemos aguentar aqui um dia, quanto mais uma semana, tempo em que o novo andaime poderia estar concluido.

—A tentativa de nos lançarem uma corda, resultará sem resultado. Quando mesmo conseguissem lançá-la ao alcance da nossa mão, o movimento que fizéssemos para a apanhar, produziria o nosso desequilibrio.

—Se eu, d'aqui me pudesse fazer comprehender d'aquella gente... Mas é impossivel, por mais que gritasse que me lançassem um paguajo de grandes dimensões, preso a uma corda resistente, e que, pairando sobre a chaminé, nós agarraríamos, descendo por essa corda depois de presa á chaminé. Mas isto não é exequível. Estamos n'uma tal altura, que o vento levaria para longe as minhas palavras.

—Certamente. Mas então que faremos? replicou Harry completamente desanimado, e segurando-se freneticamente ás saliencias da chaminé, pois começava já a sentir nova vertigem.

E tal foi ella, que se precipitaria no espaço, se Holmes o não tivesse segurado nos seus possantes braços.

—Animo, rapaz, segura-te com valentia, e mostra que és meu discipulo Escuta, segredou-lhe, Deus ainda existe! Tive ha pouco uma ideia salvadora.

E o grande policia respirou com força.

As suas palavras conseguiram resmear e dar coragem ao mancoço.

Recuperou a energia perdida e firmou-se mais solidamente, tornando a sua exclamação menos critica.

—Falle, falle, mestre, exclamou o pobre rapaz abrindo muito os olhos, onde brilhava um lampejo de esperança.

—Depressa saberia qual é o meu pensamento.

E começou a descalçar com infinitas precauções as botas e as meias com grande admiração de Harry, que não percebia bem o que aquillo queria dizer.

Sherlock Holmes começou depois a escrever em uma folha de papel que arrancoo de seu livro de apontamentos, meteu-o n'uma das botas e deixou a cair.

Decorridos poucos momentos ouviu-se em baixo uma grande algarazara, o que provava que tinham apanhado a bota e lido o bilhete.

—Muito bem, Harry, agora já sabem o que precisamos, espero que procedam sem demora.

Depois, descalçando as meias, começou a desfazer as malhas.

—Vamos, Harry, ajuda-me, agarra n'esta meia e faz o que eu fiz.

—Se pudermos tirar tudo o fio das meias estamos salvos.

—Deitamnos-lhe d'aqui este fio, e de lá hão de atar-

lhe uma corda que nós apanhemos e pela qual poderemos descer.

Harry teve tamanha alegria que soltou um estribo e torceu.

Em seguida exclamou no auge da alegria.  
— Ah! mestre, está resolvida a grande dificuldade! E o senhor é o homem mais notável de todo o universo!

— Que consegua aguentar-se n'este ninho de água, replicou Holmes, sorrindo.

— É possível que tenhas razão, mas deixemos isso e mãos à obra, e quanto mais depressa, melhor.

Harry trabalhava com ardor.

Uma hora depois as malhas das meias estavam desfiadas, e o fio caía em baixo esticado por um pedaço de argamassa.

Tudo se passou como Holmes e Harry previram, e conforme as indicações do bilhete.

Lá em baixo prenderam uma solida corda de canhamo ao fio das meias, que Sherlock Holmes içou com rapidez.

Com grande dificuldade e maior risco conseguiram prender a corda á chaminé e dar um nó de confiança.

Fez signal para baixo para que esticassem bem a corda.

— Vamos, Harry, disse. É preciso que te reveistas de toda a tua coragem. Temos de fazer a descida com toda a lentidão.

E unindo a acção ás palavras deixou-se escorregar, seguindo lhe Harry o exemplo.

Chegaram ao patco sem novidade e ouviram com satisfação os applausos de todas as pessoas que ali se encontravam reunidas na maior anecdada.

Os vivos e adamações eram estrepitosos e ininterruptos.

Aproximou-se então, de Morgan e de seu filho Roberto, para lhes explicar a razão que provocara aquella prigionissima situação assim como os motivos da inesperada catastrophe.

Disse tambem que Johnny Back-y era cumplice do homem que se tinha introduzido na noite do dia anterior no quarto da sr.<sup>a</sup> Morgan, e que tentara exercer sobre ella terribes violencias.

Que já soffrera o merecido castigo pois fora victima do seu proprio crime.

E explicou finalmente todo o infame plano que tinha preparado para se apoderar da enorme riqueza da sr.<sup>a</sup> Morgan, depois da morte do marido e do filho.

Mas intencionalmente calou o nome de James Clifford, e que o bandido depois da morte de Morgan e seu filho, se apresentaria na qualidade de filho da sr.<sup>a</sup> Morgan e de Ralph Clifford.

Durante o interrogatorio a que foi submettida, Betty Backley, na repartição da policia, esta declarou terminantemente que o homem que se apresentara sob o nome de James Clifford não era realmente primo de Ellen e irmão de Ralph Clifford.

Ellen, quando joven tivera effectivamente uma ligação, mas ignorava se d'ella houvera algum filho, e se ainda existia.

O terrivel aventureiro, a quem a policia procurava como um grande criminoso, resolveu approximar-se da sr.<sup>a</sup> Morgan, fingindo ser James Clifford a fim de lhe extorquir grandes quantias.

Estivera na America do Sul, conhecera por acaso os irmãos Clifford e soubera das antigas relações de Ellen com Ralph, assim como se achava casada e rica em Londres.

O bandido, que se chama Bob Gravenmore havia bastante tempo que estava aliado com Betty Backley sem que Johnny o soubesse.

Apresentava se sempre como se fosse James Clifford.

Haviam combinado servir-se de Johnny, que era effectivamente filho de Betty, contra Ellen.

Esta tomara Gravenmore por James Clifford em consequencia de este, conhecendo no Brazil, pelos dois irmãos, a sua falta da mocidade, lhe ter dado os mais minuciosos detalhes e affirmado que existia um filho d'essa ligação que ella julgava ter morrido queimado em casa da porteira.

Então a pobre senhora, receando que o marido soubesse tudo, e para evitar a deshonra deza, quanto o bandido exigia, e depois tentara suicidar-se.

Fred Morgan e seu filho Roberto ignoravam tudo.

Betty, cujas indiseripções podiam ser perigosas para a tranquillidade d'aquella familia, foi internada n'um manicomio um dia depois da sua captura, e ahi passou o resto dos seus dias, pois enlouqueceu ao saber que Johnny e Bob Gravenmore tinham morrido e que fôra descoberto o mysterio do subterraneo, onde jaziam numerosos cadaveres de pessoas desapparecidas sem terem d'eixado o mais pequeno vestigio.

E ella e Johnny tinham praticado todos esses crimes. Sherlock Holmes e Harry usaram da maior prudencia para que a paz do lar de Fred Morgan não fosse alterada com a descoberta d'estes mysteriosos acontecimentos.

Fizeram constar em publico que se tratava de um caso, que perturbara a tranquillidade do lar do grande industrial, mas que, felizmente, franchassara, chegando á conclusão de que era um crime vulgar que vivava a senhora Morgan para lhe estorquirem dinheiro.

Mas o marido e o filho ignoravam completamente a verdade, o que não succedia á sr.<sup>a</sup> Morgan.

Tinham-lhe, porem, occultado as verdadeiras causas do atestado contra ella no seu quarto de dormir, e o facto de os bandidos quere[m] exploral-a fingindo-se seus parentes.

O fracasso do crime, a inefficacia do ultimo atestado, e descoberta da pista dos criminosos, a extraordinaria audacia e energia dos criminosos, tudo provava o talento e tacto de Sherlock Holmes.

A circumstancia d'este e do seu discipulo se salvaram com tanto arrojo da perigosa situação em que se encontravam junto da chaminé monstro, foi objecto das conversas de toda a gente em Londres e em toda a Inglaterra.

FIM

Ler no proximo numero:

## BODA INTERROMPIDA

*Aventuras extraordinaria d'um policia secreta*



— Que está V. Ex.<sup>a</sup> lendo com tanto interesse, que nem repara n'um velho amigo que cordalmente a saudá?

— O 1.<sup>o</sup> volume da Colleção Selecta, que a Empresa Lusitana Editora, da Calçada do Ferrel, 23, seoba de lançar no mercado.

— E como se intitula a obra?

— Amor de Padre, do distinto académico Ed. Rod.

— Conheço. É realmente um primor de estilo, de observação e de interesse.

— O que lhe vai causar admiração é o preço.

— Sim?

— Ora veja tudo este luxo. Magnifico impresso, illustração a cores, bella encadernação, tudo por 300 reis, ou 30 centavos, ao o preço.

— Oh! É realmente espantoso! Vou recomendar a sua aquiescência a todos os meus amigos.

— Não chegará a edição.

## OS DESEQUILBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologicos

(Por Arnaldo Dubarry)

O Amor nas suas diversas manifestações, reger, rege e regerá perpetuamente o mundo. Provém-o o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as vida contemporâneas.

E tudo a abstracção a que as paixões desvariadas conduzem os homens, tal foi o intuito do autor ao escrever a série de romances psycho-pathologicos que subornamos no titulo geral *Desequilibrados do Amor*, e nos quaes os vícios contra natura, o hermaphroditismo, a hysteria, a depração e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* achá-se publicado o prime-ro volume:

### O Feticchista

Diverdo seguir-se a este inexistente romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da lubricidade, os seguintes, já no prelo:

- Os Invertidos
- O Hermaphroditia
- O Hysterica
- Os Fingelantes, etc., etc.

500

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel

REIS

Novidade Literaria

### ESCOLA DO VICIO

por Victorino de Sousa

1 vol. com capa artistica 700 rs.

LERIAM TODOS:

### O conquistador de criadas

Intimido romance d'arteiro gallego

Um grande volume com duas artisticas e esplendidas gravuras 300

RENÉ EMERY

### S.ª Maria Magdalena

Requies dos tempos biblicos

I A Paschoa de Fornostra—

II Chamma de volupandis

diado—III Noah, terra da luxuria—IV Pola senda do amor—V Beijo supremo.

alg. vol. em 8.<sup>o</sup> com artisticas capa a 8 silv. 700 rs.

### COMO DE CONQUISTAM MULHERES?

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. do luxo, 600 rs.

## TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kamilen.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8.<sup>o</sup> gr.

300 Rs.

## Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia . amador

### Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes :

- |                                      |                                 |
|--------------------------------------|---------------------------------|
| 1 Crimes no palacio Jackson          | 18 Jackson envenenado           |
| 2 Caso d'uma perna                   | 19 Resurreição de Jackson       |
| 3 Evasio d'um malvado                | 20 Sapatos de defuncto          |
| 4 Crimes impunes                     | 21 Lord Jackson contra Sherlock |
| 5 Calvario d'um assassino            | 22 Ilmes                        |
| 6 Um attentado terro-ris-ta          | 23 Multo-a-policias             |
| 7 A creanga martyr                   | 24 Um milhão de francos         |
| 8 Resgate sangrento                  | 25 As Praxatas de um Yankee     |
| 9 A falta salda                      | 26 Coração torturado            |
| 10 Um drama nas nuvens               | 27 O quarto dos mortos          |
| 11 Junto da guilhotina               | 28 A cabeça cortada             |
| 12 Jackson, em poder dos bandi-tulos | 29 O segredo do conde           |
| 13 O .ão policia                     | 30 Tragado pela arca            |
| 14 O «queto vivo                     | 31 A derrota dos bandidos       |
| 15 Handlides de casaca               | 32 Os mysterios de Chicago      |
| 16 A rainha das opaches              | 33 O subterramto dos cadaveres  |
| 17 Duas facções notaveis             | 34 Por seguir uma mulher        |
|                                      | 35 A renuncia de Lord Jackson   |

60 cada volume = Serie completa, 2.000 rs.

## LIVRO DE LEITURA JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 bellas

para a 4.<sup>a</sup> classe dos Lyceus e 4 photographuras de pagina

— 1 volume illustrado 400 rs. — 600 reis

## Colleção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras—

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, zateiro da alta roda, por Maurice Le-Manc (1891).
2. O Homem mysterioso, Guy de Maupassant.
3. O Invasão zello, Pierre Giffard.
4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, Maurice Leblanc.
5. Um grilo na treva, Galois.
6. O Prisioneiro de Mario, G. Le-Roux.
7. O Club dos Ladroes, Henry A. Bennett.
8. Agulha ócea, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) M. Leblanc.
9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi.
10. A Virgem Vermelha, Pierre Giffard.
11. O Cambio do somno, Paul d'Ivoi.
12. Qual dos tres grande romance policial, A. O. Green.
13. A Guerra dos vampiros, G. Le-Roux.
14. O Fidalgo de Ferro, Max Pemberton.
15. As tres tinas, sensacional romance de aventuras, Paul d'Ivoi.
16. Kovra, a mysteriosa por Ch. Foley.
17. 814, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) por M. Leblanc.
18. Um Farias, por Henri de Regner.
19. O Palacio submarino, por Max Pemberton.
20. Um crime tenebroso, por A. Galois.
21. A sombra mysteriosa, por Fergus Ham-

350 rs. Cada vol. in-4.<sup>o</sup>, contendo a materia de um rs. 350

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

# AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios  
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ  
600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

# A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato  
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL Rs. 60

A mais notavel e sensacional  
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa  
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que  
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

## HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

### Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes

- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz

### A seguir:

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavor
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia

- 13 O Bolonhez
- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Isabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Ignez de Castro
- 18 A Rainha Adultera

CAROLUS DIVIER

# A ORGIA BIBLICA

Romance passional, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,  
magnificas gravuras e capa artistica

700 rs.

# NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector **Mc Clusk**, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lazes, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobres orgias.

**OS MYSTERIOS DE NOVY YORK** cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embragadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um criminoso de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prições abarrotam de mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, forma um episodio completo.

### Volumes publicados:

- 0 rei do crime
2. O ninho dos ratos
3. Demonio femenino
4. O cadaver falsificado
5. O ultimo crime de Carruthers.
6. O raptor d'um noivo.
7. Visioho mysterioso.
8. Carta aos milhoes.
9. Um plano diabolico.
10. O rei dos gatunos.
11. O rapto da duquesa
12. Historia tragica d'um suicidio.
13. Uma casa de bastos.
14. O homem da mão de ebarao.
15. As joias de Mr. H. ckeret.
16. Um electrico peigoso.
17. No Casino de Palm Beach.
18. Uma victimia da sciencia.
19. O assassino de Fall River.
20. Aventuras d'um policia no Far-West.
21. O poço de petroleo.
22. O Olho do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

D. PEDRO GUERDES

# O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias pois as doenças deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8º grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendio

700 reis — Elegante e cartonado — reis 700